

Amadeu FERREIRA D'ALMEIDA Carvalho

Recordando...

Memórias e impressões



F A R O
1 9 5 6

SEPARATA DO «CORREIO DO SUL»

TIRAGEM DE 120 EXEMPLARES

NUMERADOS E RUBRICADOS

FORA DO MERCADO

N.º 12.

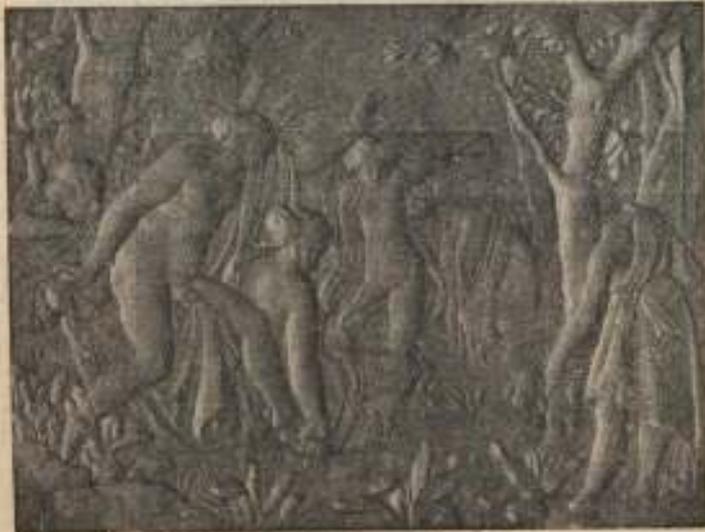
Ferreira da Almeida

Amadeu FERREIRA D'ALMEIDA Carvalho

Comendador de Cristo e Santiago
Gran - Cruz de 4 Ordens estrangeiras
Membro de Honra da Real Sociedade de Geografia de Copenhagen
Membro da Academia de História de Cadiz
Director da Sociedade de Propaganda de Portugal

Recordando...

Memórias e impressões



Faro/1956

*Hoje sou Sr. Carvalho Ferreira Nilsen
Homagem de profundo reconhecimento pelo
mt. que deu a P. D. que quando Presidente do
Município me dedicou um jardim de
aos meus amigos a criação e facilitou
muitos do meu livro, com
um apertado e grato abraço
aos meus 80.º aniversa-
rios. Faro, 27/11/1956*

A. Ferreira d'Almeida

DO MESMO AUTOR:

- Campoamoriana*—Madrid, 1917
Mulheres, Amor, Etc.—Copenhague, 1922
Ceia dos Cardeais (Prefácio)—Copenhague, 1924
Sonetos Portugueses (Prefácio)—Copenhague, 1927
O Portugal Heroico (Prefácio)—Santiago (Chile), 1928
Santo António de Lisboa—Buenos Aires, 1931
Santo António de Lisboa—2.ª ed.—Santiago (Chile), 1932
Cartas de Sórora Mariana (Prefácio)—Oslo, 1934
Mulheres, Amor, Etc. (2.ª ed.)—Copenhague, 1935
Dicionário Excêntrico (Em norueguês)—Oslo, 1938
Dicionário Excêntrico (Em português)—Lisboa, 1939
Stevensoniana—Lisboa, 1945
Visão dum Lisboa mais bela—Lisboa, 1947
O Marquês de Soveral em Londres—Lisboa, 1950



Dr. Ferreira d'Almeida
num excelente desenho de Vodasz, exe-
cutado em Haia, em 1918 e existente
no Museu de Faro



O Dr. Ferreira de Almeida, em grande uniforme de Ministro Plenipotenciário, ostentando a Gran-Cruz de Dannebrog, da Dinamarca, a mais antiga condecoração da Europa

(Retrato de Bieber, de Berlim)

A modos de prefácio

APENAS o facto da quase totalidade dos artigos que constituem este interessante livro de memórias e impressões ter aparecido inicialmente num jornal que dirijo e de ter sido talvez por sugestão minha que com eles o referido livro veio a constituir-se, pode justificar que o meu nome apareça subcrevendo estas insignificantes linhas de abertura.

Tenho pelo Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida a mais alta consideração e o mais alto apreço e, mau grado a distância que nos separou na vinda ao mundo, liga-nos desde há anos uma amizade que a sua generosidade e complacência tem sabido extraordinariamente engrandecer, atribuindo-lhe méritos que, pela sua desvaliosa origem não podia possuir e, em boa verdade, não possui. E será este certamente outro dos motivos por que o meu nome aparece nestas páginas, em jeito de apadrinhamento de uma obra que outros, de bem maior valia e também amigos do Autor, podiam neste mesmo local acompanhar.

«Recordando...», com o próprio desalinhavado que facilmente se lhe reconhece, o seu ar de improvisação gráfica e o completo desprezo pela sequência cronológica dos factos que regista, é, sem grande condescendência e até talvez por aquilo mesmo, um dos mais curiosos livros de memórias que últimamente se tem publicado em lingua portuguesa. Estamos, é certo, longe das páginas formidáveis que no mesmo sentido escreveu Raúl Brandão e do carácter, por vezes puramente anedótico, registador ou especulativo, de outros livros do mesmo género que entre nós se tem dado estampa. Mas livro assim ligeiro, desprezioso e grácil, por vezes bizarro e quase desconcertante, com gravuras que documentam toda uma vida modelarmente posta ao serviço do País e ainda mais *modelarmente* vivida—não esqueçamos que o velho preceito epicurista *Dum vivimus, vivamus*, é uma das mais queridas divisas do Autor—, com páginas de emoção e descritivo, por vezes livro de viagens e por outras de crítica que, só eu, muito diplomáticamente... por vezes consegui fosse menos acerba, raras vezes o leitor e possuidor eleito terá tido ocasião de apreciar.

É digo eleito, por que o livro não entra no mercado, é constituído por escassa tiragem de exemplares destinados apenas a ofertas e, portanto, para raros apenas.

O «Correio do Sul» e com ele o apagado director que humanamente o personifica, orgulha-se de ter podido fazer de «Recordando...» a 26.^a separata que nos últimos anos tem editado e quem estas linhas escreve honrado se confessa também pela distinção que o sr. Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida houve por bem conferir-lhe.

Diplomata e escritor, homem de educação, homem de espírito e homem do mundo, benemérito e coleccionador de arte e, sobretudo, coleccionador de beleza, de emoções, de atitudes, de momentos felizes, de tudo quanto a vida

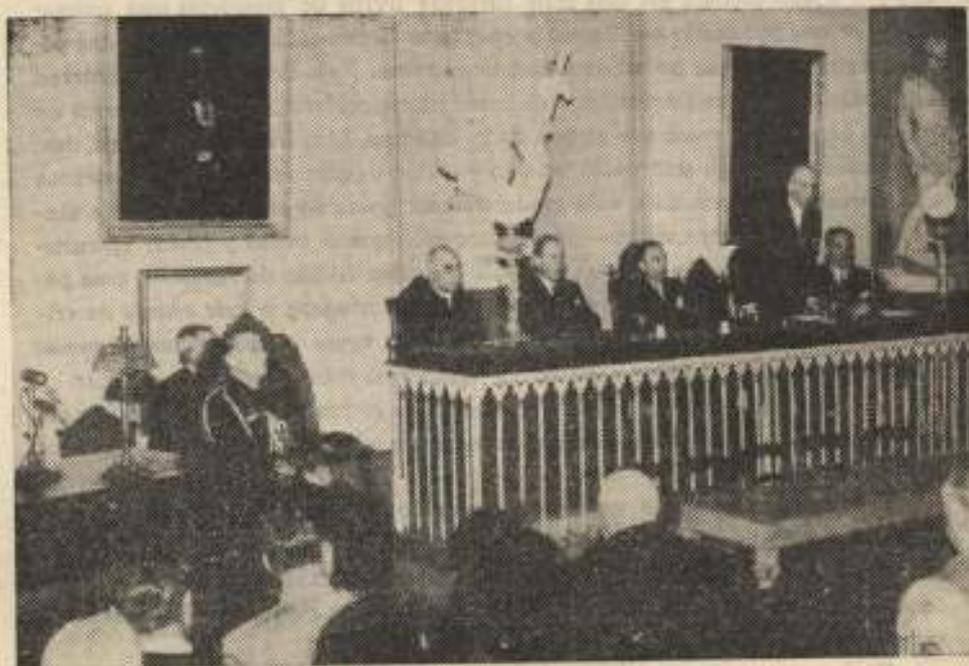
pode proporcionar de apreciável e susceptível de viver-se, satisfeito principalmente me sinto pela oportunidade que se me oferece de prestar mais uma vez pública homenagem a essa figura impoluta e intemerata de farenses e de algarvio e às brilhantes qualidades de inteligência, de coração e de carácter de que o sr. Dr. Ferreira d'Almeida tem dado pela vida fora as mais exuberantes provas.

Festeja com o aparecimento do presente volume os seus 80 anos e, vamos lá, temos de concordar que o faz com a mesma alegria, a mesma desenvoltura e a mesma vivacidade de espírito com que festejaria, não dizemos os 80 dias ou os 80 meses, mas... pelo menos, uma idade muito mais propícia.

E' como *Alma até Almeida!* é outra das suas divisas predilectas, de desejar será apenas que ele possa vir a prefaciar um livro meu semelhante, quando eu completar os meus 80...

Concordemos em que já faltou mais... Vale!

Mátio Lyatet Franco



Numa hora alta do regionalismo algarvio, o Dr. Ferreira d'Almeida como presidente da sua comissão executiva, discursa no acto solene da inauguração do nosso II Congresso Regional. A' esquerda vê-se, em lugar de honra, o representante do Chefe do Estado

Afonso XIII

PORQUE recordei hoje o último rei de Espanha? Talvez por ver passar no Parque um auto com bandeira espanhola, ou por um dos caprichos do subconsciente que, às vezes, até nos momentos mais sérios da vida, nos assalta com idéias impróprias, inconvenientes mesmo. Veio disto talvez o pedirmos frequentemente a Deus que nos livre de maus pensamentos... Não foi porém este um pensamento mau e antes docemente saudosos de um tempo que não volta, no qual em Madrid era tão agradável viver, num ambiente elegante que a revolução veio inteiramente estragar.

Afonso XIII não era belo, não lho consentiam o seu grande nariz e pronunciado queixo bourbónico, que não lhe permitia negar a descendência — todos os queixosos da família lá estão reproduzidos por Velazquez no belo Museu do Prado. Mas que figura elegante e esbelta, que alegria irradiante de simpatia! A sua voz melodiosa e grave muito contribuiu por certo, juntamente com a sua situação e fortuna, para ter conquistado as mais belas mulheres do seu tempo.

A primeira vez que o vi e observei de perto foi na Tourada Real dos festejos do seu casamento, festa de imponência indescritível a que assisti como adido da nossa Legação, juntamente com a Embaixada especial que foi chefiada pelo Principe Real Dom Luiz Filipe e se hospedou no palácio da Duquesa de Bailen, que tinha baixela de ouro.



Os camarotes das Embaixadas ao Casamento eram junto da tribuna real, estando, naturalmente, os Embaixadores na 1.^a fila e eu na última com outros colegas, o que me dava a máxima liberdade de observação sem parecer indiscreto ou atrevido.

Vi então com que comunicativa alegria o Rei seguia todos os lances da tourada, fazendo comentários em voz alta, aplaudindo, falando para todos os camarotes mais próximos em que conhecia toda a gente, contrastando com a atitude da Rainha Victória Eugénia, deslumbrante de radiosa beleza na sua soberba mantilha branca e peñeta, que ostentava pela primeira vez. Fazia parte do castiço conjunto um lindo leque de madreperola pintado por um dos grandes artistas espanhóis e que figurou na sua «corbeille» de noiva. Esse leque, que ainda deve possuir, prestou-lhe nesse dia enorme serviço, pois com ele, disfarçadamente, encobria os olhos para não ver, coisa nova para ela: estirpar 20 cavalos com os olhos vendados, que tantos foram os imolados naquela tourada real. No final da corrida todos os espadas, porque haviam oferecido à Família Real a morte dos seus touros, foram chamados à tribuna, recebendo das mãos da Rainha valiosos presentes.

Na noite do atentado à bomba, em que morreu mais duma centena de soldados e civis, escapando a Família Real milagrosamente, devia haver um grande baile no Palácio do Oriente, que, por aquele facto, foi transformado em monótona recepção, a que assisti em grande uniforme. Os amigos de infância do Rei foram sentar-se para uma pequena sala, aborrecendo-se em conjunto. Passando por ali Afonso XIII e notando que se calavam, dirigiu-se ao grupo e perguntou-lhes o que estavam dizendo. Um deles, pedindo desculpa, respondeu que não podiam dizer. — Pois eu... ordeno!... — Estavamos dizendo que... se não amamos não nos divertimos! Ao que o Rei, retirando-se rindo, respondeu apenas: — Eu tampouco!

Esta anedota correu veloz em Madrid e cheguei a conhecer um rapaz que escreveu em grandes letras no fundo dum dos antigos chapéus de palha: Yo sí no amo no me divierto! E, ao abanar-se, deixava que lessem a frase, as raparigas com quem passeava no animado Parque do Retiro.

Muito mais tarde, quando o Doutor Bernardino Machado, como Presidente da República, foi a Flandres visitar o Corpo Expedicionário Português na guerra, o combolo especial tinha que passar por San Sebastian. Era verão e estava ali, no seu Palácio de Miramar, o rei D. Afonso.

Sendo informado do facto quiz prestar ao Presidente da República de Portugal as devidas honras. Mandou-se postar na gare um regimento com música e foi êle próprio, com os seus dignitários, esperá-lo.

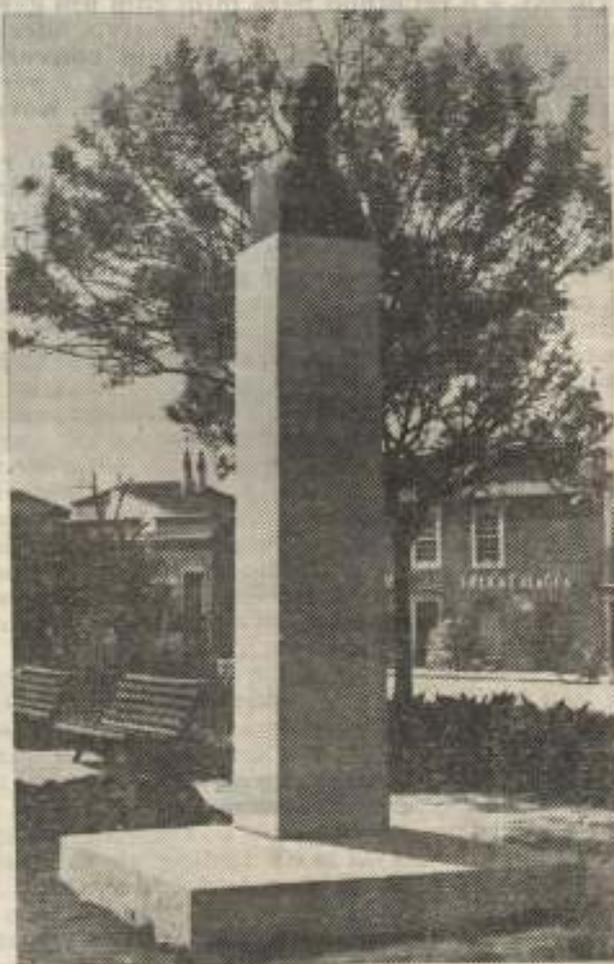
Eu era nesse momento Encarregado de Negócios em Espanha, e, como ainda hoje se faz, todo o Corpo Diplomático se deslocava tres meses para San Sebastian, onde estava o rei e o Governo, por o calor em Madrid ser tal que derrete o asfalto das calçadas!

Como era da praxe o pessoal da Legação estava na gare, onde cumprimentamos o rei e o Ministro dos Estrangeiros, D. Afonso, que pensava em tudo, chamou-me de parte e pediu-me para mandar ver se o hino que a Banda ia tocar era o da República.

Ao entrar o comboio na gare, a música rompeu os acordes da «Portuguesa», e o rei olhou para mim com um gesto interrogativo, a que correspondi com outro afirmativo. Soceguou então; recebeu afavelmente o hóspede, com quem conversou a sós, acompanhando-o de novo à carruagem-salão, e perfilando-se, em continência, enquanto o comboio arrancava, novamente ao som da «Portuguesa».

Soube depois o motivo da inquietação real: o rei, sempre bem informado, soubera que, por ocasião da primeira troca de visitas oficiais depois do advento da nossa República, uma Banda Regimental espanhola, tocara, com o devido entusiasmo... o Hino da Carta I...





O busto do Dr. Ferreira d'Almeida
da autoria do grande escultor
dinamarquês Rudolph Tegner, inaugurado
em 26 de Abril de 1952, no Jardim
Público de Faro a que fôra
dado o seu nome

O Conde de Romanones

MORREU com 87 anos o Conde de Romanones, o mais notável político espanhol do primeiro quarto do Século XX. Riquíssimo por herança, possuía palácios na Castelhana de Madrid e em San Sebastian, que encheram de preciosidades que a sua fortuna e grande gosto artístico permitira reunir, chegando a fazer por sua conta fructuosas escavações arqueológicas. A sua vocação era a pintura; preferiu porém fazer-se advogado e «político profissional», no que alcançou grande fama por ser erudito e grande orador, tendo sido Ministro de várias pastas, Presidente do Conselho muitas vezes, Presidente do Senado e das Academias de S. Fernando e da História.

Os seus dominios eram em Guadalajara, mas tornou-se popular em toda a Espanha, até pela caricatura, a que muito se prestava a sua grande altura e magreza, o seu enorme nariz abatatado e curvo e a sua permanente sobrecasaca. Grande amador de touros foi amigo de todos os grandes espadas, nomeadamente Luis Manzzantini, advogado como ele e que foi Conselheiro Municipal de Madrid. Muito alegre e expansivo conquistou amigos em todos os partidos, o que foi de grande utilidade ao Rei Afonso XIII por ocasião da sua rápida retirada de Madrid ao rebentar a revolução republicana.

Foi amigo do Doutor Augusto de Vasconcelos, antigo Ministro em Madrid, com quem se deu, tanto em Madrid como em San Sebastian, para onde a Corte, o Governo e a Diplomacia se transferiam durante o verão. Existe mesmo uma fotografia em que figuram, juntos, os dois políticos.

Como também fui encarregado de negocios em Madrid, ouvi-lhe uma pitoresca observação, que nunca mais esqueci. Ao ter conhecimento que o nosso Ministro dos Negocios Estrangeiros, Bettencourt Rodrigues; o Ministro em Roma, Euzébio Lião, e o nomeado para Madrid, Professor Augusto de Vasconcelos, eram todos médicos, dizia:

— Ustedeç no tienen diplomáticos, tienen diplomédicos!

Os jornais de Lisboa indicaram os livros de politica e historia de que foi autor, mas não deram citação alguma. E' o que passo a fazer por me parecer interessante;

viu-se só e com poucos recursos. Apareceu-lhe então a fortuna na figura de uma milionária americana, dessas muitas que se dedicam a dourar brasões empobrecidos, que de bom grado lhe escolheu a côrte e que com êle casou, em terceiras nupcias, certamente apenas com o intuito de poder considerar-se Infanta de Portugal, assinar Nevada de Bragança e usar o titulo de Duquesa do Pôrto. Quando perguntavam ao simpático e até aí celibatário Infante porque fazia aquele casamento, parece que costumava responder: «Pois mais ninguém me dá nada!...»

O casamento fez-se em Roma, em Setembro de 1917, mas para que surtisse os seus efeitos em Portugal, tornava-se indispensável legalizá-lo perante as nossas autoridades. E foi o que se fez em Novembro do mesmo ano, numa altura em que o casal se encontrava em Madrid. O Infante procurou o então Ministro de Portugal sr. Doutor Augusto de Vasconcelos, que não levantou quaisquer obstáculos e antes achou interessantíssimo que um membro da Familia Real apelasse para as leis da República, e que consentiu que a cerimónia se realizasse nos próprios aposentos do Infante, no Palácio Hotel.

Ali compareceu, com o livro respectivo, o Dr. Feliz de Carvalho, então Cônsul de Portugal e hoje proprietário do Cinema Liz, e ali se lavrou o competente registo, que foi assinado pelos nubentes e, como testemunhas, pelo Ministro Doutor Augusto de Vasconcelos, e por mim, primeiro secretário da legação.

Por morte do Infante, a viuva veio por mais de uma vez a Portugal, reclamar alguns objectos que pertenciam ao marido e que ornamentavam o seu antigo quarto na Ajuda, o que o Governo concedeu, e parece que manifestar desejos de se fixar oficialmente entre nós, o que não foi consentido. E assim continuou a viajar pelo mundo, exibindo o único prazer que o casamento lhe proporcionara: O de poder inscrever-se nos livros dos hotéis como Nevada de Bragança, Duquesa do Pôrto.

Morreu esta em 1961. Pela minha parte, nunca mais tornei a encontrá-la, que mais não fôsse para poder lançar-lhe, respeitosamente, a minha bênção de padrinho.



Duarte Leite

A ciência portuguesa perdeu no Dr. Duarte Leite, lente e professor da Universidade do Porto, um grande historiador das descobertas e matemático, e a nossa sociedade um perfeito cavalheiro, de elevada estrutura moral e invulgar personalidade.

Republicano desde os bancos da escola, o regime aproveitou os seus méritos e prestígio elevando-o a Ministro das Finanças e a Presidente do Conselho de Ministros, e mais tarde, como que para o indemnizar, nomeou-o Embaixador no Brasil. O Doutor Duarte Leite entregara à causa da República e respectiva propaganda toda a fortuna—cem contos, que hoje representam mais de tres mil. Era um solitário, vagueava pelo Porto e por Lisboa arrastando ligeiramente uma perna em virtude de ligeira congestão cerebral que sofrera há muitos anos. Esta não conseguira empanar a limpidez do seu espirito, que era brilhante e que assim se conservou até ao último momento.

Foi meu Chefe, na Embaixada do Rio de Janeiro durante todo o ano de 1915, pelo que tive ocasião de apreciar os seus preciosos dotes. Tendo chegado ao Rio em pleno verão, a cerimónia da entrega das suas credenciais realizou-se à meia-noite, existindo uma curiosa fotografia de toda a Embaixada ao descer a escadaria do Palácio de Paissandú.

Ou por informações que lhe dera de mim o Doutor Bernardino Machado, que o antecederara naquele posto e que, ao retirar-se, em 1914 me deixou todo um ano como Encarregado de Negócios, ou pelo conhecimento que tinha dos homens, a sua confiança em mim era ilimitada e assinou sempre sem ler todas as notas e officios que lhe apresentei. A sua paixão era a matemática, que exercitava todos os dias, creio que a título de ginástica cerebral, pois que enchia de algarismos dezenas de folhas de papel, resolvendo equações e problemas, que depois lançava no cesto dos papéis.

Grande apreciador de Camilo, passava as horas vagas a reler a sua obra; e como eu me contentasse com ler apenas algumas, perguntel-me um dia qual preferia. Respondeu-me sem hesitar: — A Brasileira da Pranzins. Ficou 17 anos no Brasil regressando em 1931, com sua família que o venerava, à sua casa de Meinedo (Menafiel) onde se dedicou a profundos estudos históricos. Ali com 86 anos adoeceu súbitamente, vindo a falecer no mesmo dia no Porto, cidade onde nascera e que profundamente venerava.



O Dr. Ferreira d'Almeida discursando numa homenagem da Casa do Algarve à memória de João de Deus. Na presidência o sr. Conselheiro Sousa Carvalho, tudo à sua direita a sr. D. Maria da Luz de Deus (neta do Poeta), e os srs. Dr. Jaime Lopes Dias e Mimoso Barreto, e à esquerda o Dr. Ferreira d'Almeida e os srs. Major Mateus Moreno e Hermenegildo Neves Franco



Por ocasião do II Congresso Regional Algarvio, o sr. Dr. Ferreira d'Almeida discursando na recepção que aos algarvios foi oferecida pela Casa do Alentejo

A Rainha D. Amélia e o regicídio

ENQUANTO esperava em Lisboa o concurso para Secretário de Legação, que só se efectuou em 1909, passei o meu tempo, durante 1908, fazendo crónicas da sociedade para o «Diário Ilustrado», o mais elegante jornal dessa época, e que era o órgão oficial do Ministério de João Franco, sob a direcção de dois grandes jornalistas Alvaro Pinheiro Chagas e Dr. Augusto Soares. Os meus proventos eram nulos, tinha porém bilhete permanente para S. Carlos, então de grande elegância, e assim assisti a 80 representações de Opera. Foi naquela qualidade que me encontrei na antiga gare fluvial do Terreiro do Paço à chegada da Família Real de Vila Viçosa, no fatal dia do regicídio — 1 de Fevereiro de 1918.

Desembarcada a real comitiva, todos notaram que se prolongava a demora na Sala de Espera, antes de se dirigirem para as carruagens. Soube-se depois que se tratava do Ministro João Franco a convencer o Monarca de que deixasse escoltar a carruagem, permitisse que se fechassem as respectivas capotas, ou que consentisse que a Família Real fôsse dividida por dois carros, pois havia sido informado de que haveria, à passagem, qualquer manifestação dos republicanos, contra os quais o rei assinara na véspera um violento decreto.



A nada D. Carlos cedeu. Toda a Família Iris, como de costume, num só *landeau* a descoberto.

Sucedeu então o que todos sabem: pelas 17 horas, à esquina da praça e da Rua do Arsenal, um grupo armado de carabineiros atacou de perto a carruagem, sendo morto o Rei com um tiro na nuca e, como o Príncipe D. Luís Filipe matasse com um tiro de pistola um dos regicidas, recebeu uma bala no peito, sendo o Infante D. Manoel (depois Rei) apenas ferido de raspão num braço.

Foi neste angustioso momento que a Rainha D. Amélia deu prova de grande coragem, pois, sem temer o perigo iminente, levantou-se e, brandindo fortemente o ramo de flores que lhe ofereceram na Estação, tentou desviar as armas que lhes apontavam, procurando cobrir com o seu corpo os filhos que se sentavam nos lugares da frente. Em revistas estrangeiras appareceu esta histórica cena em desenhos de página inteira.

Eu, ainda na Gare, ao ouvir os tiros, procurei sair por entre a assistência compacta, e, ao entrar na Praça encontrei-a deserta, pois todos haviam fugido para as ruas vizinhas. Tomando pela arcada ocidental, que desemboca em frente do Ministério do Interior, encontrei ali aflito e só, o Conde de Sabugosa, que queria ir para junto dos Soberanos, e, que sendo côxo, não encontrava meio algum de transporte e tinha dificuldade em se conduzir.

Nesse momento vi entrar pela porta do Arsenal o *Fiat*, verde, descoberto, do Infante D. Afonso, o único daquele tipo então existente em Lisboa. Preveni disso o Conde e, dando-lhe o braço, lá nos dirigimos para o Arsenal. A grade de ferro estava fechada e a guarda de marinheiros apontava as armas para quem se aproximava, pois tinha ordem de disparar. Valeu-nos talvez a sobrecasaca e o chapéu alto! Lá consegui que o cabo chamasse o official de serviço, o qual reconhecendo o Conde, nos deixou entrar.

O espectáculo com que então deparamos era medonho! No *landeau* viam-se ainda, sentados em frente um dum outro e com as cabeças pendidas sobre o peito as duas vítimas, cujo sangue corria pelos estribos do carro fazendo póça no chão. Haviam ido buscar duas exergas de marinheiros com que numa pequena casa que ali havia, improvisaram uma primeira câmara ardente, em que foram colocados os dois corpos lado a lado. D. Manuel havia sido levado para pensar o braço, e a Rainha, de pé, junto à parede do grande edificio, com as feições conturbadas, o chapéu em desalinho, gesticulava investindo João Franco, a quem attribuia a culpa do que se passara, dizendo-lhe irada: *eveja a sua obra!* O Ministro, lívido, de chapéu na mão, parecia desculpar-se dizendo que tinha avisado o soberano que não quiz ouvi-lo; e retirou-se, desaparecendo para sempre da cena politica.

A's copiosas lágrimas da esposa e mãe vieram juntar-se em breve, ante os entes queridos, as da mãe e avó — a Rainha D. Maria Pia.

A's 21 horas, entre forte escolta de cavalaria, foram os dois mortos transportados para o Palácio das Necessidades, e assim terminaram os acontecimentos de que fui espectador e cujos impressionantes traços 43 anos ainda não conseguiram apagar da minha já tão fraca memória.

Fui salvo pelo Rei?...

A família real portuguesa empregava geralmente assim as suas férias estivais: A Rainha D. Amélia, e com ela a primeira sociedade, ia para Sintra os meses de Agosto e Setembro e só nos princípios de Outubro vinha para a cidadela de Cascais. O Rei D. Carlos, que preferia o mar e a pesca, fazia fundear o «yacht» Amélia na baía de Cascais, instalava-se a bordo logo desde Agosto e só ia para a cidadela quando a Rainha descia de Sintra.

O Rei todas as manhãs tomava o seu banho de mar, ainda que a corpolência lhe não permitisse grandes exercícios de nadador.

Decorria o ano de 1898 e eu tinha conseguido completar em Coimbra o meu primeiro ano de direito. Tive como prémio ir com minha mãe passar as férias para Cascais, onde tomamos casa.

Tentara aprender a nadar em Coimbra, no verão, quando o Mondego quase seca e como aprendera, de facto, os necessários movimentos, conservando um pé na areia, julgava-me um nadador sofrível.

Chego a Cascais e, com o arrojo dos verdes anos, deito-me ao mar! Sucedeu o que era de prever: dadas as primeiras braçadas perdi pé, faltou-me a areia suave do Mondego, atrapalhei-me, assustei-me, comeci a beber água e julguei-me perdido! Providencialmente D. Carlos não estava longe e viu o perigo. Dando umas braçadas estendeu-me a mão. Para que Ele pudesse nadar agarrei-me aos ombros. A breve trecho encontramos pé e eu agradei, correndo para a barraca, afastando-se D. Carlos de novo em direcção ao navio.

Nesse momento é que os banheiros perceberam o que se passara e correram para mim, *solicitos*, enfiando-me uma boia de salvação pela cabeça!...

O jornal governamental dêsse tempo, o «Diário Illustrado», de 15-8-1898, deu na primeira página a seguinte nota: «Cascaes—Incidente no mar — Comunicam-nos em data de 13: Deu-se hoje n'esta praia um incidente, felizmente sem consequências. O Sr. Amadeu Ferreira d'Almeida Carvalho, estudante de Direito na Universidade de Coimbra, depois de ter nadado junto à praia, foi despercebidamente para fora de pé e, cançando, começava a sentir-se afflicto. N'este momento, S. M. El-Rei, que nadava próximo, com a solicitude e bondade que caracterizam o seu magnanimo coração, lançou-lhe a mão, evitando um desastre.

Acudiu o banheiro Antonio Cadaval e outros, munidos d'um cinto de salvação, mas n'esse momento já aquele senhor tinha pé e ia para terra».

Não estando ainda apresentado ao Rei, não podia ir pessoalmente agradecer-lhe tão valioso e oportuno serviço. Como era intimo de Vicente Arnoso, meu companheiro em Coimbra, fui pedir ao pai, o Conde de Arnoso, secretário particular de D. Carlos, que, da minha parte, agradecesse a Sua Majestade o alto favor que me fizera.

No dia seguinte, qual não foi o meu espanto, quando, encontrando-nos na praia, deante de toda a gente, o Conde me disse:

— «El-rei recebeu os teus agradecimentos e manda-te dizer que, para a outra vez, cortes primeiro as unhas!...»

E voltando-se para a assistência, que ria, fez este comentário em voz alta:

— «Este diabo fez o que ainda nenhum republicano conseguiu! Agatanhou o Rei!...»

Efectivamente, com a ansia inconsciente de quem se sente em perigo, na minha aflicção de naufrago, eu tinha ferrado quatro realíssimas unhas em Sua Majestade! ..



Como eu vaticinei o Papa

ESTAVA eu como Encarregado de Negócios de Portugal em Berlim e corria o ano de 1926.

Era ali Nuncio Apostólico Monsenhor Pacelli, homem franzino, muito magro, mas de olhar penetrante e vivo através dos óculos, dotado de vasta inteligência e de invulgar erudição, de que dava evidentes provas na conversação e, sobretudo, nos brilhantes discursos de que me falavam os colegas.

Tive a felicidade de ouvir um, em francês, na recepção dada pelo Marechal Hindemburgo ao Corpo Diplomático, na Chancelaria de Berlim, por ocasião do Ano Bom. Monsenhor Pacelli falou, como lhe competia, em nome dos diplomatas estrangeiros e produziu uma extraordinária peça oratória, notável pelo fundo e pela forma, sendo no final muito cumprimentado.

Dias depois, tendo sido transferido para um posto de ministro, fui, como é de uso, despedir-me pessoalmente do ilustre Nuncio de Sua Santidade, contentando-me em deixar à maioria da outra centena de colegas o habitual cartão com as letras P. P. C. (pour prendre congé).

Lembro-me nitidamente que estivemos ambos conversando, sentados num canapé de madeira antiga, num canto de uma das salas da Nunciatura. Sua Ex.^a Reverendíssima desejou-me felicidades no meu novo posto e eu não me contive que lhe não falasse no célebre discurso por ele pronunciado dias antes e que tanto me impressionara pela sua beleza, inspiração e alta dignidade. Fui mesmo mais longe e disse-lhe: Vossa Reverência é dotado de tão brilhante inteligência e de tão vasta cultura



que, apenas regresso ao Vaticano, será feito Cardeal e atrevo-me a augurar que virá um dia a ser eleito Papa.

Esta minha insinuação produziu imediata reacção e o Reverendo Núncio Pacelli pondo as mãos, num gesto cheio de beleza e de modéstia, ergueu os olhos ao céu dizendo: — «Meu Deus! Não vão tão alto as minhas aspirações! Não é possível!»

Pois então — respondi-lhe — façamos uma combinação: Se Vossa Reverência for eleito Papa, irei a Roma felicitá-lo e receberei como prémio, um Breve com a Benção Papal para a hora da minha morte.

Prometo — disse-me sorrindo — mas estou certo de que não chegarei a ter esse trabalho.

Passaram-se apenas treze anos e o meu Colega em Berlim, de simples Monsenhor passara a Cardeal, como eu previra, e, além disso, pelos seus profundos conhecimentos da política internacional e pelo seu grande tacto, fôra nomeado Secretário de Estado do Vaticano, cargo que, segundo velho costume, invalida para ser eleito Papa. Vaga a cadeira de S. Pedro, e sendo manifesta a superioridade dos seus dotes e grave a situação internacional, o Conclave elegeu-o por maioria logo no primeiro escrutínio. O Cardeal Pacelli pediu segunda votação e veio a unimidade. Nunca um Conclave fizera tão importante escolha em tão pouco tempo!

Só consegui ir a Roma, numa excursão, para assistir à canonização de S. João de Brito, em 1946. Tencionava recordar a Sua Santidade a promessa de Berlim, por ocasião da recepção da peregrinação portuguesa no Vaticano. Esta era, porém, tão numerosa que, acrescida ainda pela espanhola, não havia sala em que coubessemos todos. Tivemos que nos reunir no enorme Pateo de S. Dámaso, onde foi colocado um estrado de onde Sua Santidade nos falou em português e abençoou, sem que nos pudessemos aproximar. Dirigi-me depois a um colega, Monsenhor Monzoni, Auditor da Nunciatura em Lisboa, que se encontrava em Roma, e pedi-lhe para me obter uma audiência particular. Esta foi-me concedida, mas para d'aí a oito dias, por estarem inscritos primeiro dezenas de Cardeais e 90 Bispos estrangeiros que se tinham deslocado a Roma para assistir às imponentes cerimónias da canonização. A minha excursão partia dentro de quatro dias e perdi aquela oportunidade.

A minha única dúvida agora é de Sua Santidade o Papa, volvidos 25 anos de tão intenso trabalho, se recordará ainda da nossa conversa na Nunciatura de Berlim e da promessa, no caso de se realizar a minha profecia, como, de facto, se realizou.

Em caso afirmativo, o que espero conseguir saber, voltarei à cidade Eterna o mais depressa possível. Os 75 anos já me não permitem grandes adiamentos.

Uma audiência do Papa

SUA Santidade o Papa Pio XII passa vida esgotante principalmente durante a primavera e a primeira parte do verão (antes de retirar-se para férias em Castelo Gandolfo) recebendo milhares de peregrinos, a quem faz discursos em várias línguas. São às vezes tão numerosos que, não cabendo na magestosa Basílica de S. Pedro, Sua Santidade tem que lhes falar da varanda para a grandiosa praça que a colunata de Bernini enquadra. Principalmente por ocasião das canonizações que tem havido, o seu trabalho foi estenuante. Aumentam as peregrinações e as recepções de importantes personalidades que as acompanham. Por ocasião da de S. João de Brito teve que receber em audiências especiais trinta cardeais e noventa bispos!

Para se obter uma audiência especial é preciso, sendo estrangeiro, ser apresentado pela respectiva embaixada junto do Vaticano, ou por outra pessoa de alta situação e, naturalmente, ser o apresentado digno de tal honra. Conseguí tal audiência declinando apenas na respectiva petição ao Chefe do Gabinete Pontifício o meu nome, categoria e o facto de ter sido colega em Berlim de Sua Santidade quando ali era Núncio Apostólico, em 1926.

Em audiências especiais o Papa recebe cerca de 100 pessoas por dia, as quais ao meio dia se vão reunindo numa grande sala e são depois sucessivamente chamadas por numerosos funcionários do Protocolo do Vaticano, de vistosos uniformes de calção e meia tudo vermelho. Vão passando pouco a pouco para uma série de pequenas salas contíguas, até chegar à quarta que tem ligação com o gabinete privado de Sua Santidade onde recebeu os cardeais que compareceram no dia em que lá fui, 23 de Maio de 1952. Quando estes se retiraram saiu o Papa à primeira sala onde eu me encontrava com mais dez pessoas, dispostas em semicírculo, todas lhe fazem uma reverência ou ajoelham. Dirige-se então ao da ponta direita, sempre acompanhado dum fámulo que lhe indica o nome, qualidade e nacionalidade do apresentado. Em geral fala a língua dessa pessoa ou então em francês, numa voz muito doce e cadenciada que transpira bondade e simpatia. Depois de trocar umas palavras estende a mão para que lhe beijem o anel de safira oriental, entregando um pequenino estojo ornado das armas pontificias, o qual contém a grata recordação de uma medalha de prata com a sua efigie.

Quando chegou a minha vez e lhe fui anunciado, estendeu-me a mão com um sorriso acolhedor, mostrando lembrar-se de

mim e com saudade daquele tempo despreocupado. Recordei-lhe então a nossa despedida na Nunciatura, dias depois do seu brilhante discurso ao Marechal Hindenburgo, na recepção do Corpo Diplomático pelo Ano Bom, na Chancelaria e evoquei a minha profecia de que, pela sua inteligência, preparação política e diplomática, viria a ser o futuro Papa, o que se realizou 13 anos mais tarde, conquanto ele então julgasse isso impossível.

Como seguia interessado a minha descrição, lembrei-lhe a nossa combinação de que, se o facto se desse, eu iria a Roma cumprimentá-lo e receberia um Breve Pontifício logo prometido pelo então apenas Monsenhor Pacelli.

— E como eu teria gostado de ficar por aí! juntou. Quanto ao Breve com a sua bênção para a minha última hora, disse-me que o faria com o maior prazer, e que lhe deixasse as indicações necessárias: nome, profissão, etc.

Perguntou-me depois como iam as coisas em Portugal, respondendo-lhe que a Igreja tinha boa situação e que reinava calma e paz absoluta. Regosijou-se com isso, principalmente por ser tão diferente a situação em Itália em que, nesse dia, por motivo das eleições municipais, os partidos se debatiam encarniçada e ruidosamente.

Como Sua Santidade se não despedia, perguntei-lhe porque não fazia uma visita a Portugal onde seria recebido triunfalmente, tal como acontecera com o seu Legado, o Cardeal Tedeschini. Respondeu: — Impossível, sou um prisioneiro! — referia-se, é claro, às exigências do seu alto cargo e constantes graves preocupações.

Ao despedir-me perguntei se desejava enviar alguma mensagem para Portugal ou para o Senhor Cardeal Cerejeira.

Com um sorriso bondoso, disse-me: — Sim, um bom souvenir, — o qual já transmiti.

Beijei-lhe o anel, e passou ao visitante seguinte.

Ao terminar aquela audiência, pois várias outras se seguiram, dirigiu-se ao meio da sala e, elevando o olhar e as mãos ao céu, deu-nos a bênção papal, retirando-se depois para o seu gabinete particular, até que se formasse novo grupo dos visitantes convocados para aquele dia, que aguardavam nas salas contiguas onde se viam de uniforme, vários altos dignatários da Curia Romana, bem como à entrada postados os alabardeiros da velha Guarda Suíça nos seus garridos uniformes multicolores.

O Professor Doutor Bernardino Machado

PASSOU em Março de 1951 o centenário do nascimento do lente de Coimbra, notável político, diplomata e Presidente da República Doutor Bernardino Machado. Vem a propósito recordar alguns traços íntimos da sua interessante personalidade, por ter com ele lidado de perto em Coimbra e no Rio de Janeiro onde foi Ministro de Portugal, antes da criação da Embaixada.

Fiz o seu conhecimento em Coimbra. Indo levar-lhe uma carta de apresentação à sua casa da Cumeada, fui encontrá-lo sentado a uma enorme mesa leccionando os 8 mais pequenos dos seus 14 filhos, cujas perguntas e curiosas ideias reuniu em livro. Pouco tempo depois de formar-me, e com pequeno estágio como subdelegado no Seixal, fui como adido para Madrid e daí secretário para Londres, de onde fui promovido a 1.º secretário para o Rio de Janeiro, por o Doutor B. Machado que ali estava, ter aceiteado gostosamente a minha escolha. Foi substituir o gordo Santos Tavares, conhecido conversador humorista que nada fazia, e a quem B. Machado dizia: «V. limitou-se a mudar de cadeira, trocou a do jornal «O Mundo» em Lisboa pela da Legação no Rio»...

Não me poupei ao trabalho pelo que conquistei a amizade do Chefe. No dia em que cheguei diz-me: — morreu um filhinho dum membro da nossa colónia, tem que ir ao enterro. Envergo o fraque preto e lá fui. Família muito pobre, vivia num barracão, o enterro foi a pé sob um sol tropical! Chegámos ao coval, e o professor primário lembra-se de fazer a história dos cemitérios desde os egípcios e caldeus até hoje! Depois começa a assistência a olhar para mim, e lá tive que deitar discurso de enterrecida despedida do desconhecido! Foi assim o meu debute no Rio de Janeiro em 1913.

O Dr. B. Machado tinha hábitos de viver e trabalhar diferentes de toda a gente. O nosso Dr. Fernandes Lopes (Olhão) diz que imita os animais: «só come quando tem fome e dorme quando tem sono». B. Machado que tinha horas regulares de comer em pequenas quantidades, terminando com pequena chávena de café, dormia em qualquer momento que tivesse sono. Depois de almoço ou de jantar, ao tirarem o último prato, traziam-lhe uma almofada e passava pelo sono encostado à mesa. Acordava e começava logo a discutir Hegel, Kant ou qualquer outro filósofo, se na mesa se encontrasse quem lhe respondesse.

Como dormia de dia levantava-se com o sol e, em pijama, lia logo os jornais e começava a destinar serviço para os Se-

cretários que tinham que ir representá-lo em festas de anos, baptizados, casamentos ou entêrros.

A's vezes detinha-me em conversa até às 2 horas, e às 7 já me telefonava que viesse com urgência à legação! Tomar parte numa festa noturna era assim impossível para os secretários!

Quando foi Ministro dos Estrangeiros fazia o mesmo, adormecia no Ministério, de modo que fazia esperar os visitantes portugueses às vezes até às 3 horas! Foi o que aconteceu a Teixeira Gomes, que foi entregar-lhe uma carta do seu amigo Brito Camacho, pedindo a B. Machado para o nomear Ministro em Londres! Machado calu das nuvens! pois quê? Substituir o Marquês de Soveral, o maior diplomata do seu tempo, o grande amigo de toda a Córte Inglesa, por um negociante de figos sem curso algum superior! Não tomou o caso a sério e perguntou-lhe: — O sr. deseja um emprego? T. Gomes ficou furioso, pegou no chapéu e saiu, indo queixar-se ao Camacho. Este apertou de tal modo B. Machado, seu colega no Governo, que ele se viu forçado a nomeá-lo. Ainda teve esperança numa recusa de *agrément*, mas o Governo Inglês como não gostava da nova situação em Portugal, onde tinham morto no mesmo dia dois Cavaleiros da Jarreteira, a que convinha quem não empanasse a aura de que ficara gozando em Londres Soveral, concedeu-lho.

Bernardino Machado, com a sua doçura emollente, tinha rasgos de audácia. Por exemplo sabia que o Cardeal-Bispo do Rio não podia tragar-nos, que faz? pede audiência e aí fomos, de fraque e chapéu alto, visitá-lo! Recepção fria, a principio, mas Machado, grande conversador, conseguiu adoçar as arestas, e o Cardeal foi retribuir-lhe a visita. O mesmo fez com um illustre académico, se não me engano João Ribeiro, que atacava Portugal na imprensa. De tal modo o trasteou e lisongeou, que o homem não tornou a hostilizar-nos. Tinha a teoria que os inimigos é que era preciso acarinhar. Se faltava a um amigo e este se queixava, dizia: — Esse é amigo!

Vinhamos às vezes duma recepção oficial de tarde, e dizia-me: — Vamos à minha rua? Era todo um pequeno bairro do Rio em que, de um e outro lado da rua, as casas modestas eram dele. Começava então a conversar com os inquilinos e a acariciar as crianças, segundo seu costume.

A sua mesa de trabalho era uma montanha de papéis. O mesmo acontecia com Magalhães Lima que, quando alguém o visitava, dizia: — sente-se; e não havia uma cadeira livre de papéis e livros.

B. Machado tinha uma enorme cabeça, pelo que, para não a aumentar, cortava o cabelo à escovinha. Enquanto escrevia, com a mão esquerda friccionava sempre a cabeça, como que para excitar o cérebro. Só escrevia para Portugal na manhã da partida dos paquetes, tendo a correspondência de ser levada a bordo. Quando o avisavam de ser a hora, respondia: só mais uma carta urgente, e vão lá num táxi. Iam, de facto, mas o vapor já tinha largado. Ficava-lhe caro o correlo no Brasil!

No exemplar do «Campo de Flores» que lhe ofereceu, escreveu o nosso João de Deus:

«A Bernardino Machado, alma de luz e coração de ouro».

O Fiscal de Coches-Camas

O matrimónio parece-se com a morte por que poucos a êle chegam preparados — Prov. sueco

NA experiência duma longa vida cosmopolita, notei que as raparigas portuguesas eram quase sempre mais infelizes no casamento do que as estrangeiras, por absoluta falta de preparação para a vida a dois. Haverá quem pense que não é assim, por ser relativamente diminuto o número de divorcios entre nós, o que é principalmente devido a motivos religiosos e que não prova que a maioria esteja contente com o seu estado. Poderão lá estar contentes as esposas cujos maridos assim que jantam, quando o fazem em casa, saem para os cafés e clubes regressando de madrugada, e saindo raramente com elas? E' este costume que dá a Lisboa, nos olhos dos estrangeiros, a impressão de ser uma cidade só de homens. Em Paris ou Madrid os cafés também estão cheios, mas abundam os casais. A mulher portuguesa é geralmente uma sacrificada.

Porque será isto? São muitos os motivos. O principal é a falta de conforto da maioria dos lares portugueses. Os pais das noivas devem verificar, em tempo, que a futura residência de suas filhas disponha de *maples* confortáveis, quadros atraentes, iluminação para leitura, etc..

Os ingleses casados, vão aos seus clubes de tarde, e depois de jantar instalam-se em acolhedor *fauteuil*, com a luz pelas costas, lendo e fumando o seu cachimbo ou tomando o seu *whisky*. Isto quando não vão ao teatro com a família.

Outro motivo é a falta de cultura geral da rapariga portuguesa que prefere gastar o seu tempo na *toilette* e nos passeios em vez de consagrar-se à leitura de bons livros e revistas que lhe permitam manter conversa variada e agradável, fugindo à bisbilhotice frequente da gente vulgar, que tanto aborrece os maridos. A moda não deve ser, como diz Xavier Eyma, o grande idolo e a única literatura das mulheres.

Todos os maridos normais preferem que a esposa seja antes uma boa camarada e colaboradora, interessando-se pelas suas ocupações diárias, lendo-lhe os melhores artigos dos jornais e selecções das revistas estrangeiras, e que, distraíndo-o, possam concorrer para a sua cultura e preparação para a vida. Se ele vir que isto se não passa noutras casas, preferirá a sua,

A' procura duma estrábica

*Se me beijas é meu geito
Fechar os olhos, Amor;
Escondi-te no coração
Julgo assim ver-te melhor.*

Maria de Resende

O título parece estranho, mas talvez não seja tanto, para quem tenha conhecido raparigas sofrendo de estrabismo, não só muito simpáticas, mas até mesmo algumas a quem aquele defeito ocular empresta certa graça. Não sendo exagerado, é pelo menos uma novidade, uma evasão da banalidade que as torna mais originais.

Depois, o defeito só a elas prejudica, porque é possível que vejam as coisas e as pessoas imperfeitamente ou diferentemente. A algumas isso poderá até ser útil, por poderem ver ao mesmo tempo para ambos os lados sem terem, na rua, que ir como as outras, sempre a fingir que olham para o chão, ou usando óculos fumados.

Diz-se que os olhos são o espelho da alma, mas isso não é uma verdade absoluta, porque teríamos que admitir que nenhum estrábico podia ter a alma direita. O mesmo escreveu sobre o caso Richard Gustafsson: «Os chineses são as melhores pessoas do mundo, e se eles olham de revés uns para os outros, isso deve-se apenas a que não têm os olhos direitos».

Além disso, dos homens possuindo aquele desarranjo visual, é que se diz que «olham contra o governo», das mulheres nunca. Pouco lhes importa o governo, quando muito olharão contra as outras... e um caso destes até produziu um dos famosos ditos de espírito de Talleyrand: uma dama estrábica, que naturalmente via as coisas algo torcidas, encontrando o Príncipe de Benevent num baile, perguntou-lhe: — Como vão os negócios, Sr. Ministro? — Como V. Ex.^a vê, minha Senhora!...

Eu não tive porém em vista fazer aqui o elogio das estrábicas, mas apenas contar uma curiosa anedota passada com um amigo meu.

Este era muito curioso e desde rapaz ouvira dizer que as mulheres estrábicas, ao beijarem com amor, endireitam os olhos

por instantes. Era um espectáculo novo, um fenómeno que ele desejava a todo o custo observar.

Infelizmente havia nas suas relações algumas damas que metiam os pés para dentro, mas os olhos, nenhuma.

Assim que encontrava alguma nas condições, fazia-se apresentar, assediava-a, mas sem obter o resultado desejado. Chegou até a julgar que as estrábicas fossem as mais castas do sexo frágil. Até que enfim, certo dia feliz, encontrou uma que se mostrou mais condescendente e generosa, claro que sem saber a que espécie de exame se ia submeter.

Marcado um *rendez-vous*, tudo parecia disposto a proporcionar-lhe o prazer de satisfazer tão grande curiosidade.

Tudo marchou normalmente. Victor que assim se chamava o meu amigo, exultava de contentamento, não apartando um instante os seus olhos dos da senhora, parecendo até que a queria hipnotizar. Finalmente, tinha que ser! Ao chegar o tão almejado momento de conseguir beijá-la, a senhora fechou os olhos!... E Victor, furioso, desiludido por não ter conseguido jamais obter outra prova, foi-se dêste mundo sem ter desvendado aquela dúvida que sempre tanto o interessara.

Mas nisto de dúvidas que se não conseguem esclarecer, acontece o mesmo a muita gente. Vou contar-lhes uma história chilena no género:

Um alemão casado com uma bonita mulher receava que ela o enganasse. Uma vez que teve de ausentar-se deixou a chave da casa a um amigo íntimo para que a espiasse. A' volta procurou o amigo para saber o resultado.

— Sim, alguma coisa se passou! Uma noite ela saiu com fulano, jantaram, foram ao cinema e depois para casa.

— E depois!

— Estiveram a beber na sala. Eu, que entrara primeiro, fui esconder-me no guarda fato.

— E depois?

— Foram para o teu quarto.

— E depois? Depois!

— Depois... apagaram a luz e... não vi mais nada.

— Sempre a terrível dúvida!...

○ Espada Mazzantini

SÓ conheci pessoalmente, durante a minha longa vida, dois matadores de touros — Luis Mazzantini e Manuel dos Santos. Este último em Abril de 1950, na Feira de Sevilha, onde fui só para o aplaudir. Na noite da corrida, na qual foi pouco feliz a matar, tendo porém agradado plenamente nos *quites*, com a muleta e com as bandarilhas (o que os espanhóis não fazem), encontrei-o na elegante e típica Bodega do grande Hotel Maria Cristina, dançando com uma gentil dama espanhola, de aspecto senhoril e distinto, toda vestida de preto, o que se harmonizava com os seus belos cabelos e olhos negros.

Ao cumprimentá-lo, disse-lhe que fôra lá para o ver tourear e aplaudir, ao que me respondeu sentir que eu tivesse perdido o meu tempo por que estivera pouco feliz. Depois de trocarmos algumas impressões, seguimos dançando animadamente com os respectivos pares.

O grande matador espanhol Luis Mazzantini, grande até na estatura e na força, pois com o estoque atravessava o touro de cima abaixo, era ilustrado, bom e sentimental. Era um toureiro de tipo único, que se dedicou às mais variadas actividades. Filho dum oficial italiano emigrado em Espanha depois da revolução de 1848, nasceu em Guipuzcoa em 1856. Tendo terminado os preparatórios para o curso de direito, a falta de recursos obrigou-o a empregar-se, e aos 21 anos era chefe de gare em Malpartida. Convenceu-se porém que na Espanha do seu tempo



O Espada Mazzantini

só se podia ser cantor ou toureiro. Escolheu por isso a segunda profissão.

Exercitou-se nas horas de folga e em 1881 já era novilheiro. Em 1884 tomou a alternativa de matador em Sevilha, impondo-se pela figura, destreza e coragem. As suas estocadas magistrais levaram-no a toda a Espanha, à França e à América. Quando foi a Montevideu em 89 já foi ganhar 50 000 duros por 10 corridas.

Foi ali que realizou uma das suas maiores proezas, no touro «Fortuna», do Conde de Patilla, que lhe proporcionou o título de *Rey del volapié*. Era monstruoso. Media um metro de abertura de hastes, que o tornava perigoso. Pois Mazzantini matou-o superiormente.

— Tomei todas as precauções aconselhadas pelo grande Montes, disse-me — coloquei um bandarilheiro à cauda, recuso para casos extremos, mas foi neste touro que mais aprendi a matar.

Velo pela primeira vez a Portugal em 85, à praça do Campo de Sant'Ana, toureando grátis na corrida de beneficência promovida pela Duqueza de Palmela e patrocinada por S. M. a Rainha D. Maria Pia.

Conservava marcas indeléveis da sua vida, em dez cicatrizes, de colhidas devidas ao grande alvo que oferecia.

Descreveu-me a de Sevilha em 1887: um destes meninos esprituosos que em Espanha frequentam a barreira, esquecendo que o artista está arriscando a vida para diverti-los, passou a tarde dirigindo chufas ao *diestro*. Tocaram a matar quando o animal estava próximo do tal espectador gracioso, Mazzantini começa a *faena*, mas para responder a uma impertinência desagradável, distrai-se, e o touro alcançou-o no ventre. Pelo instinto de conservação da vida, agarrou com ambas as mãos a haste em que se via pendurado e quando a fera baixou a cabeça para nova arremetida, arrancou-a de si num esforço derradeiro, caindo estenuado.

Perguntei-lhe então que impressão causava uma colhida. — No momento nenhuns, não há tempo, as dores são depois; a haste corta como uma navalha, e mostrou-me uma grande cicatriz na palma da mão esquerda que mais parecia feita por afiada lâmina.

Falei-lhe dos seus famosos *quites*, em que algumas vezes salvou a vida dos conpanheiros. Contou-me o de Bilbao. O picador Rafael Alonso fôra derrubado por uma fera de Saltillo, que perseguia o vulto descoberto. Mazzantini interpoz o capote, mas o animal carregou e vitimá-lo-ia se o mestre num rasgo temerário o não agarra pelas hastes salvando o picador a troco de um grande ferimento numa perna.

Vinte e cinco anos na profissão de matar, não conseguiram abalar a sua ternura pela esposa, que recordava com profunda saudade. O seu maior sacrifício era tourear em Madrid, onde a esposa, carinhosa, o despedia com um beijo, para depois ir rezar à Virgem, enquanto ele, no seu *traje de luces*, partia com o ânimo quebrantado.

Em 1905, indo ao México e visitando Paris, Nova York e a Exposição de S. Luis, levou a esposa, que começava a pedir-lhe que se retirasse do toureio. — Quando cortares a *coleta*, — dizia —

farei com ela uma pulseira que usarei toda a vida como recordação da minha ventura.

Mazzantini fôra despedir-se do público mexicano numa só corrida que lhe rendeu 25.000 duros. Deixando ali a esposa, foi a Guatemala tomar parte em 4 corridas e ao voltar soube que a esposa acabava de falecer! A cena foi profundamente triste, mas recordando-se do desejo da morta querida, num movimento de abnegação, em que uma tesoura pode aniquilar uma vida de esplendores, cortou o *coleta*, a pequena trança profissional, e com ela fez uma pulseira no braço gelado que para sempre acompanhará. Embalsamado o cadáver, levou-o para Madrid.

O desembarque em Cádiz foi um acontecimento. A população disputava a honra de conduzir o féretro, que cobriu de flores. Quando o comboio passou pela «Vila Conceição» de Puerto de Santa Maria, ninho d'amor daquele casal infeliz, a multidão, apinhando-se na linha férrea, fê-lo parar, produzindo uma grandiosa e sentida manifestação de simpatia.

Passado esse angustioso momento Mazzantini poz a sua enorme actividade ao serviço do país. Rompendo o preconceito contra os ex-toureiros, que ou se dedicam à lavoura ou se tornam inúteis, usou da sua popularidade e fez-se eleger Conselheiro Municipal de Madrid, cargo em que prestou revelantes serviços e que nenhum toureiro ainda ocupara. O auxilio prestado aos soldados feridos no atentado do dia do casamento de Afonso XIII valeu-lhe a comenda de Mérito Militar, como o que fizera pela instrução lhe proporcionou a de Isabel a Católica.

Filiado no partido liberal, foi eleito deputado pela Andaluzia, cujo povo o idolatrava.

Manzzantini provou ter óptima preparação, para chegar a dirigir homens, por ter lutado 25 anos com feras, 3.500 das quais abateu.

Da penúltima vez que o Rei D. Carlos visitou Madrid, brindou-lhe a morte dum touro de Veragua, cuja cabeça, pintada a óleo, existia na colecção real.

.....

Travei conhecimento com êle em 1909, na antiga Legação de Espanha, numa recepção depois do jantar em sua honra. Atraía as atenções gerais pela sua elegância e aprumo. Ostentando as suas três comendas e a banda de Conselheiro Municipal parecia um diplomata. A sua missão era porém de carácter particular. Veio a Lisboa expressamente para entregar a El-Rei o estoque com que em Guatemala matara o seu último touro. Uma dedicatória a ouro sobre a lâmina de Toledo dizia ser uma homenagem de profunda gratidão. O festejado espada recebera daquele monarca provas de estima e entre elas a Comenda da Conceição. Apreciou-a imenso por ter o nome de sua querida esposa, que dera também à sua bela propriedade da Andaluzia.

Ficámos bons amigos como se deduz das dedicatórias nos retratos que me ofereceu. Era um perfeito *gentleman*. Mostrava-se reconhecidíssimo para com a Família Real, pelo carinhoso acolhimento que lhe dispensava. E para com o povo português cujos aplausos apreciava duplamente, visto nunca ter podido mostrar-lhe o seu melhor trabalho — a morte dum touro!

Era popularissimo em Espanha e em Portugal. A cada passo, em Lisboa, encontrava um admirador; em S. Carlos conhecia todos os artistas com quem falava em correcto italiano. Os famosos tenor Marconi e baritono Ancona eram seus amigos e o caracteristico chapeu que usava tornou-se muito popular e é ainda hoje conhecido pelo seu nome.

Ainda o visitei uma vez na sua esplêndida casa de Madrid. Segui depois a minha carreira pela América do Sul e pela Escandinávia, onde nem sequer me chegou o eco do seu falecimento...



Columbano

COLUMBANO Bordalo Pinheiro (irmão do caricaturista genial Rafael Bordalo Pinheiro, que tem museu municipal privativo no Campo Grande em Lisboa e que, como ceramista, desenvolveu nas Caldas da Rainha a arte do conhecido Palissy) viveu muitos anos na casa do Largo de Stephens, com janelas para a Rua das Flores em Lisboa. Quem, porém, aí procura a lapida que era devida ao seu talento, não a encontra, e isso porque a Câmara Municipal a fez colocar nas trazeiras da casa, por ser em rua mais importante e concorrida — a de S. Paulo — mas para onde o prédio não tem porta de entrada, e que, portanto, pouco representava na vida de Columbano.

Era um homem baixo, franzino, tímido, usando barba grisalha e lunetas, que se via diariamente, acompanhado de sua dedicada esposa, ir almoçar, sempre na mesma mesa do Café Royal, no Calo do Sodré.

O proprietário deste estabelecimento não sabe aproveitar para um réclame esta preferência do grande retratista, como tão pouco soube o do Restaurante Leão d'Ouro, que vendeu o célebre quadro «O Grupo do Lião», em que se viam os intelectuais e artistas que ali se reuniam, e de que fazia parte Columbano. Quem entre no Grand Café de Oslo depara logo com uma pintura mural em que figuram, em torno de Ibsen, todos os artistas que durante um século por ali passaram.

O mesmo se faz em Momparnasse e Montmartre em Paris.

Columbano deixou uma obra notável de beleza, composta principalmente de magníficos retratos, mas não tão numerosa como da sua idade se devia esperar, e o motivo é porque era moroso na execução. Tenho disso prova, porque para fazer o meu pequeno retrato a lápis, que está no Museu de Faro, me fez pousar duas horas de cada vez em 16 dias! Uma autêntica maçada, de que resultou um retrato triste e aborrecido, que reflete o meu estado de momento, mas de nenhum modo o meu natural.

Que diferença de Antonio Carneiro que completava as suas belas sanguíneas numa hora de pose! O mesmo me aconteceu com um artista húngaro, Vodász, na Holanda; e até com um alemão Julius Forner em Berlim que, olhando para mim burilou o meu retrato numa placa de cobre, de que depois se tiraram gravuras.

O depois Presidente, M. Teixeira Gomes, admirador de Columbano, tinha grande desejo de ser retratado por ele, o que

lhe fez constar. O artista acedeu e pintou-lhe o pequeno retrato de perfil que se encontra na Colecção Columbano do Museu da Arte Contemporânea de Lisboa.

Depois, já Ministro em Londres, falando-se do grande pintor na Chancelaria da Legação onde eu era 1.º Secretário, disse-me: «O Columbano enamora-se da sua obra e não entrega os retratos que faz. Ficou com o meu».

Conversando eu mais tarde com Columbano, durante a pose do meu retrato, repeti-lhe o que Teixeira Gomes me dissera. Ao que Columbano, continuando a desenhar, respondeu apenas: — «Eles não me pagam I...»

Mas Teixeira Gomes, conseguiu ainda ser retratado por Columbano, em quadro para a galeria do Palácio de Belem. Desta vez também o retrato não lhe foi entregue, pela simples razão de ter sido pago, sim, mas pelo Estado...



formas—chamavam-lhe o Pequeno Pastor de Rotterdam...
dele para holandês.
O homem tentou explicar alguma coisa a meu respeito
mas imediatamente me declarou que não se sabia quem ele era
para o efeito e que voltaria entrar de Dordrecht e depois que
se era impossível porque eu deveria partir no dia seguinte.
As informações que se lhe forneceram após uma pequena
estada foram:

Consultando um adivinho na Holanda

MUITA gente julga que a carreira diplomática é cheia de prazeres e bons momentos. E' claro que alguns proporcionam, mas as duas grandes guerras estragaram tudo.

Uma vez, durante uma importante parada em Toquio, puzeram uma bomba sob a tribuna diplomática, que, ao explodir, cortou as pernas a um dos ministros estrangeiros, ferindo muitos outros. Quando a missão diplomática francesa deixou Berlim, por motivo da declaração de guerra de 1914, o governo alemão não protegeu convenientemente os seus membros, dando ocasião a que a turba exaltada os insultasse e lhes cuspiasse em cima!

A mim coube-me o perigo do mar com as minas e os submarinos. Em 1915 regresssei por mar do Rio de Janeiro a Lisboa—ainda não havia carreira de aviões—e não foi pequeno o susto que apanhámos a bordo!

Sendo logo enviado para Londres, arrotei com os perigos da travessia da Mancha, valendo-me apenas a activa fiscalização da esquadra britânica.

Em 1916, fui transferido para a Holanda. O governo aproveitou a minha ida e encarregou-me de levar importante correspondência.

Como a travessia do Mar do Norte era muito perigosa, pelos ataques dos submarinos alemães, resolvi comprar um collete especial que actuava como salva-vidas.

Na primeira loja a que me dirigi, disseram-me: - «Fomos os fornecedores de Lord Kitchner». Não foi preciso mais para sair logo pela porta fóra. A expedição de Lord Kitchner, que se dirigia á Russia em navios de guerra, desaparecera misteriosamente no Mar Artico!

Comprei outro e lá parti, tendo mais sorte que Kitchner, porque cheguei. Era preciso estar pronto a embarcar, com aviso telefónico apenas uma hora antes, para evitar os perigos da espionagem. Uns oito vapores de passageiros e carga foram ladeados por 19 destroyers, que navegavam em zig-zag para desorientar os submarinos. Ninguém dormiu a bordo; eu, confiado no meu cinto de salvação, passeei toda a noite no convez com o pacote da correspondência debaixo do braço.

Em 1917, sendo transferido para Madrid, tive novamente que sujeitar-me aos perigos do mar em tempo de guerra.

Uma gentil amiga holandesa pediu-me para ir com ela consultar um famoso adivinho, antes de me decidir a embarcar. Lá

fomos—chamavam-lhe o Pequeno Pastor de Scheveninque, a bela praia holandesa.

O homem tentou adivinhar alguma coisa a meu respeito, mas imediatamente me declarou que não se sentia bem disposto para o efeito e que voltasse outro dia. Dizendo-lhe a dama que isso era impossível, porque eu desejava partir no dia seguinte, ele informou que, se lhe fizéssemos apenas uma pergunta, tentaria responder.

—Desejavamos só saber se haveria risco para mim em partir por mar.

—Ah! isso posso dizer.

E tomando-me o pulso com uma das mãos, e com a outra apertando a testa entre os dedos, disse-me num curioso francês:

—Tu não pereces pela agua. Já duas vezes escapaste de morrer afogado, não tornarás a correr esse risco.

Com efeito, quando, tendo eu 5 anos, meu pai foi Governador Civil de Ponta Delgada, brincando com um barco no lago do Palácio do Governo, escorreguei nos limos e dei um mergulho, sendo salvo pelo jardineiro que, felizmente, não estava longe. A segunda vez foi em 13 de Agosto de 1898, quando tomava banho em Cascais e fui salvo pelo Rei D. Carlos, conforme já contei nestes «Recordandos».

Em vista de tão animadora consulta, embarquei afoitamente para Espanha, onde cheguei são e salvo.



Predilecção pelos gatos pretos

OS gatos pretos, com que pessoas geralmente supersticiosas têm azar, contaram sempre com a minha estima. Tendo curiosidade de descobrir o motivo desta predilecção, soube por minha mãe que, em tenra idade, devi talvez a vida a um gato negro! E tem graça que, enquanto novo, também preferi sempre mulheres de cabelo preto. Foi depois de longa estada nos países do norte que reconheci as vantagens das loiras, que julgava frias, até que uma islandesa me explicou: E' que você esquece que há vulcões na neve!...

Tendo nascido em Faro e na casa que foi de meu avô, o Dr. Manoel Joaquim d'Almeida, na Praça Ferreira d'Almeida (porque também ali nasceu J. B. Ferreira d'Almeida, meu tio), passei em Loulé a minha primeira infância por meu pai ser ali Delegado do Ministério Público. Apenas me lembro, e vagamente, que, aí por altura dos meus 3 ou 4 anos, morávamos numa rua que ia desembocar na Praça, e que a casa, um primeiro andar, tinha larga escada com degraus de pedra por onde caí e lasquei um dente. Na casa em frente havia uma escola, da sr.^a Josefa Perna, para onde me mandaram. Aí aprendi a pregar botões bem e a ler mal, pelo antiquado método do B. A. Ba então usado, e disso me resenti toda a vida!... Passei depois para outra escola próxima, a da sr.^a «Estrudinhas», de que apenas me recordo que era muito simpática e tinha um sinal negro no beijo superior. Do marido me lembro que tinha loja e era caçador.

Mas voltemos ao gato preto. Contou-me minha mãe que ali viveramos anteriormente numa casa fora do centro da vila, e que, para dormir de dia ao ar livre, me deitavam numa longa cesta, que colocavam na porta que dava para o jardim, indo a ama tratar da roupa, até que eu acordasse.

Ficava geralmente deitado ao meu lado um grande gato preto — o Carochão — que tinha por mim a dedicação e a fidelidade dum cão!

Certa manhã viram que o gato, com o pêlo eriçado e os olhos chispeantes parecia assanhado. Fazia tal ruído que parecia pedir socorro e não fugia, nem me abandonava!

Acudiram minha mãe e a ama, deparando com um grande lacrau que, talvez com appetite, atraído pela carne fresca do primpolho cheirando a leite, começava a trepar à cesta onde eu dormia.

Entrou imediatamente em acção a vassoura, morrendo o perigoso inimigo e socegando a familia e o bichano.

Por isso, quando vejo um gato preto, considero-o descendente e continuador das virtudes racicas do «Carócho» de Loulé e manifesto-lhe toda a minha simpatia.

E' claro que nem todos pensam assim. Relataram há dias os jornais que certa companhia teatral de ciganos vindo da América trabalhar num dos teatros dos Campos Eliseos em Paris, ao irem tomar o avião viram um gato preto! E tanto bastou para que se recusassem terminantemente a embarcar, e tomaram o primeiro vapor, estando o teatro fechado 8 dias. O interessante porém é que o avião que recusaram, teve feliz viagem e o vapor que preferiram ia sossobrando por virtude de tempestadel...

Vingança de gato preto!



No camarote real de Convent Carden

LA fora, a maioria dos grandes teatros não tem camarote real. Até o próprio Convent Garden, a Grande Opera de Londres, não tem tribuna que à realeza se destine, doença que persistiu em Portugal, mesmo depois da abolição da monarquia, talvez para acalentar vaidades que muito prejudicam a empresa e o Estado como subsidiário da nossa opera.

Os teatros reais de Londres, Copenhague, Estocolmo e Oslo, onde os trabalhistas, quando no poder, respeitam sempre todas as prerrogativas régias, nunca tiveram tribunas especiais para as famílias reinantes; há apenas amplos camarotes de proscênio que, quando as pessoas reais não informam do seu desejo de assistir, são vendidos como todos os outros e apenas a melhor preço. São países práticos, que atendem à parte comercial de todos os seus empreendimentos. Ter anos a fio, belos camarotes sempre fechados, é coisa que não se compreende lá.

Quando há uma rara récita de gala, os reis vão para aqueles seus camarotes usuais e para o corpo diplomático e govêrno é reservada a primeira fila do primeiro balcão. Quando se trata da visita oficial dum Chefe de Estado estrangeiro, como a que assisti em Copenhague, com o Rei Victor Manuel III, de Itália, o centro de primeiro balcão é transformado para o acontecimento, ficando os reis ali, rodeados dos seus dignatários, govêrno e corpo diplomático, indo as damas da côrte para os tais camarotes laterais, sôbre o proscênio.

Se em Lisboa as duas tribunas de S. Carlos e do Nacional fôsse substituídas por fundas rampas de balcão, como as do S. Jorge, o rendimento dos teatros seria mais avantajado e diminuiriam os prejuizos.

Vem êste exórdio a propósito da história que quero contar.

Uma vez, era eu secretário da Legação de Londres, fui convidado pelo telefone para acompanhar uma milionária americana, Mrs. Stewart, que vivia principescamente num apartamento do Hotel Ritz, então o melhor, a uma matinée de caridade no Teatro Real, Convent Garden. Era companhia amável. Aceitei. Veio buscar-me no seu «Rolls Royce», cujos utensilios de *toilette* eram de ouro...

Chegamos ao teatro e o meu espanto principiou quando um grave acomodador nos conduziu ao camarote real! A senhora, dispendiosa esposa dum rei dos caminhos de ferro da Califórnia, quizera assim contribuir largamente para a festa. A sua entrada, já começado o espectáculo, causou sensação, atraindo todos os binóculos. Mas não ficou por ali a sua prodigalidade.

Um famoso actor dirigia em cena o leilão de um retrato antigo, encaixilhado, do tamanho de um bilhete postal, representando o Rei Eduardo VII, quando Principe de Gales. Alguém da plateia ofereceu uma libra, logo outro gritou duas e pararam, que a coisa não valia mais, nem mesmo tanto. Pois no meio do silêncio geral, ouve-se a voz aflautada da senhora americana gritar: — Sixty ! Sessenta libras. Tudo ficou absorto. A comissão promotora da festa e o actor-leiloeiro subiram logo ao camarote, onde ela, sem pestanejar, assinou um cheque de sessenta libras, recebendo o retratinho.

Isto, em 1909, causou sensação na assistência, e a imprensa da Inglaterra e da América falou no caso, publicando retratos.

No teatro a comissão voltou ao seu lugar no palco, mostrando o actor o cheque e provocando uma ovação que Mrs. Stewart agradeceu, de pé, imperturbável, no seu real camarote !

E eu, recordo-me bem, autenticamente passado por todo aquele imprevisito reboição, fui sentar-me, vermelho como um tomate, ao fundo do camarote e não voltei à frente até que a descida das luzes o acalmou, recomeçando o espectáculo.



Meu tio José Bento

PASSOU em 1947 o centenário do nascimento em Faro do Conselheiro José Bento Ferreira d'Almeida, filho do Dr. Manuel Joaquim d'Almeida e de D. Maria Clementina Ortigão Ferreira d'Almeida. Irmão de minha mãe, faleceu em Livorno em Setembro de 1902.

Era um verdadeiro atleta, de grande envergadura, muito ágil apesar do seu grande peso, tendo feito ginástica de alteres e esgrima, não só por pertencer à Marinha de Guerra mas também talvez por pensar em dedicar-se à política, que no seu tempo era agitada e belicosa. Uma vez em Faro, num período de eleições, teve conflito sério com um eleitor adverso e feriu-o na cabeça. A' policia disse ter sido com a chave da porta, mas foi com um «box», que nessas ocasiões movimentadas trazia sempre na algibeira. De outra vez, já em Lisboa e sempre por motivo de rivalidades políticas—em que neste caso assumiu galhardamente responsabilidades que lhe não pertenciam—teve um duelo à espada com o valente Capitão Machado, o famoso deputado pelas Caldas da Rainha, e o resultado foi um agitado *corps a corps*, em que ambos ficaram feridos ao mesmo tempo na cabeça: o capitão com um golpe que lhe fendeu o nariz, meu tio com um descolamento lateral no couro cabeludo que, se tem sido noutra local, talvez lhe tivesse fracturado o cranio. Ficaram ambos impossibilitados de continuar o combate, mas... reconciliaram-se acto continuo.

José Bento morreu prematuramente por o terem operado de um antraz, sendo diabético e quando ainda não se conhecia a insulina. Encontrava-se em Itália presidindo à reconstrução do couraçado «Vasco da Gama», de que era comandante. Deputado pelo Algarve, de 1884 a 1901, em que o nomearam Par do Reino, foi Ministro da Marinha e Colónias em 1895, num ministério de Hintze Ribeiro, fazendo gerência fecunda.

Quando ia Faro, em propaganda eleitoral, percorria toda a provincia, aproveitando a larga influência que já vinha de seu pai, que também fôra deputado em várias legislaturas. Carácter



de grande independência e por isso não se quiz casar, quando permanecia em Faro não se hospedava na casa em que residia o pai e em que ele e eu nascemos, o quarteirão completo que forma um dos lados da Praça Ferreira d'Almeida, ao centro da qual existia a cadeia comarcã e mais tarde uma palmeira que veio até aos nossos dias. Para gozar plena liberdade e não incomodar, preferia hospedar-se no Hotel Nicola, quãse em frente, no gaveto das ruas Ivens e Tenente Valadim, em cujo segundo andar reside hoje o nosso muito apreciado Pintor Lyster Franco. O proprietário do hotel era seu grande admirador e galopim eleitoral e das janelas discursava às massas fazendo propaganda e agradecendo depois as votações que recebeu em anos consecutivos. O número de amigos que contava na sua e nossa provincia, avalia-se pela imponência do obelisco que lhe elevaram à entrada da avenida que leva à estação e que é o mais importante monumento do género no Algarve e Alentejo. O obelisco esteve de inicio rodeado por um alto gradeamento que lhe dava um aspecto um tanto fúnebre e recorde-se que foi uma Câmara presidida pelo director deste jornal, o meu querido amigo Dr. Mário Lyster Franco, quem o libertou desse promenor, fazendo com que as suas linhas adquirissem maior beleza. O projecto foi do pintor austriaco Adolfo Hausmann.

Depois da morte do pai, de quem herdou, de meias com minha mãe, a bela Quinta de Santo António do Alto, dotada de boa casa de campo, passou a hospedar-se ali, não se esquecendo porém de levar a saudáveis férias alguma actriz bonita, por que sempre foi um grande admirador do teatro na sua expressão feminina. A escultural actriz espanhola de revista, Pepa Ruiz, que actuou no Condes, contava-o entre os seus admiradores e por mais de uma vez o acompanhou nas celas espirituosas e alegres do Clube dos Macavencos, que ainda hoje existe e que foi fundado pelos solteirões mais ricos e em evidência do seu tempo, entre os quais se contavam alguns almirantes que conheci e um dos quais ali me levou a um baile. Os estatutos deste clube caro de noctambulos tem base moral: a falta de respeito por qualquer mulher apresentada por um sócio implica expulsão da sociedade.

Da Quinta do Alto comprou José Bento a minha mãe (que não podia administrá-la) a parte que a esta pertencia, pelo preço do inventário, 9.000 escudos, vendendo-a no dia seguinte ao seu amigo Júdice Fialho por 11.000 escudos! ..

Tendo falecido meu avô e tendo eu passado no meu exame de instrução primária, em Faro, resolveu minha mãe instalar-se em Lisboa, para que eu aqui fizesse o liceu. Logo meu tio se apressou a passar-lhe, com os respectivos móveis, a pequena casa em que morava na Rua de S. João da Mata, instalando-se ele no 1.º andar do prédio isolado ao fundo do Largo do Conde Barão, de onde mais tarde passou para o 1.º andar da Casa dos Arcos, na Rua da Boa Vista, que foi a última em que residiu.

Teve o elevado Grau 33 da Maçonaria Portuguesa, para onde foi atraído pelo Grão Mestre, Dr. Sebastião de Magalhães Lima, nosso parente, oriundo do Eixo (Aveiro), onde a família tem um palácio e de onde meu avô veio instalar-se em Faro, como advogado, casando depois com a senhora acima referida e estabelecendo dessa forma o nosso parentesco com a família Ramalho Ortigão.

Meu tio, José Bento além do «Vasco da Gama», comandou as corvetas «Duque de Palmela» e «D. Estefânia». Foi também governador de Moçamedes, mas navegando não era feliz. Em 1869, a bordo da «D. Estefânia», indo assistir à inauguração do Canal de Suez, sofreu tal temporal no Mediterrâneo que ficou sem o «mastro» do navio. No mesmo ano, indo num navio de passageiros, de Lisboa para Faro, esteve em risco de naufragar por o barco ter aberto água numas pedras de Sines. A sua energia, ao lado do comandante, salvou a situação em face do pânico que se estabeleceu a bordo. Estando em Luanda, a bordo da corveta «Infante D. Henrique» teve que dominar uma revolta na cidade, facto este por que foi louvado. Igualmente o foi por uma conferência que produziu na Sociedade de Geografia de Lisboa, conferência esta que, com vários discursos e outros estudos, alguns bastante valiosos, corre impressa.

Quando discursava no vasto salão da Camara dos Deputados, a sua voz ecoava sempre em forte estentor e difficilmente perdoava qualquer deslize. Quando tinha uma dessas pugnias, em que ficava apoplético, mandava telefonar para casa que lhe preparassem um banho bem quente e dele saia mais calmo para o jantar. Uma vez, em 1887, atacou violentemente o então Ministro da Marinha, Conselheiro Henrique de Macedo, o qual, estando sentado na primeira fila, mesmo deante dele, lhe dirigiu a meia voz a palavra que immortalizou o General Cambronne. José Bento não esteve com meias medidas e, estendendo o braço, ferrou-lhe uma bofetada que ecoou por toda a sala, continuando a discursar. O escândalo foi enorme. Tendo-se isto passado por volta das 16 horas, José Bento foi preso à meia noite em flagrante delicto. . . Levaram-no para o «Vasco da Gama» e depois para o Quartel de Marinheiros e chegaram a falar em fusilá-lo, considerando o caso como uma insubordinação militar e não como incidente politico. Salvou-o Hintze Ribeiro, chefe do partido oposto ao seu, pelo que para o dele se passou e este soube aproveitar-lhe os méritos, vindo a fazê-lo ministro. Julgado na Camara Alta, sob a presidência de Barros e Sá, foi



Detalhe do monumento erguido em Faro ao Conselheiro José Bento Ferreira d'Almeida

seu advogado o Dr. Luciano Monteiro, mais tarde Ministro com João Franco e abastado proprietário em Vila Real de Santo António, onde faleceu. José Bento foi condenado em 4 meses de prisão, levando-se em conta 3 que já sofrera, e ao agredido foi dado o título de Conde, mas o caso fez sensação e numa revista em cena no Condes aparecia um actor fazendo de meu tio, conduzindo um tabuleiro e apregoando bolachas de S. Bento...

Era ele ministro quando terminei o meu curso dos liceus e como meu pai falecera como Juiz na Horta, não deixando fortuna, solicitaram-lhe um emprego para mim. Respondeu logo que nada me daria na Metropole mas sim em Africa e, como aceitasse, fui nomeado 1.º official da Alfandega de Luanda, começando a fazer o enxoval próprio para os trópicos. Pois... como não partisse logo no primeiro vapor, como ele desejava, appareceu no «Diário do Govêrno» uma portaria demittindo-me, com mais 6 que comigo haviam sido nomeados e que, fiando-se na minha qualidade de parente, também não partiram no primeiro vapor!...

Felizmente que fui a tempo de me matricular na Universidade de Coimbra, formando-me em Direito, como era desejo de meu pai e de meu avô. Quando me lembro do acontecimento, vem-me logo à memória o celebre verso da «Ceia dos Cardiaes», «foi esse anjo ao morrer que me fez cardinal»!... A mim, foi a maldade ministerial que me fez diplomata e ministro. No final de contas não deixou de ser alto favor, por que na África de há 50 anos eu teria, certamente, morrido, não teria encontrado na vida os prazeres que me foi dado usufruir e... vamos lá... não teria reunido a Colecção de Arte que tive a satisfação de oferecer à minha terra natal.

Meu tio, dotado também de completo desprezo pelos preconceitos, ordenou que o seu cadaver fosse cremado e as cinzas lançadas ao mar. Como isto não era costume em Portugal, o Marquês de Faria, então consul em Livorno e seu amigo, consultou o Govêrno que autorizou a incineração. A segunda parte é que não foi cumprida. Pessoa que lhe era muito dedicada, foi expressamente a Itália e salvou as cinzas que trouxe em urna que se encontra depositada num dos cemitérios de Lisboa.



Um atentado contra Afonso XIII

NO ano de 1906 casou-se em Madrid D. Afonso XIII com a bela princesa Vitória Eugénia de Battemberg. Casamento faustoso e de grande luzimento, assistiram nove príncipes, entre eles todos os herdeiros das casas reinantes que, com numerosas comitivas, se instalaram em vários palácios reais e aristocráticos da capital espanhola.

Portugal enviou brilhante embaixada, chefiada pelo Príncipe Real D. Luís Filipe. Foi pôsto à sua disposição o magnífico palácio da velha Duquesa de Bailen, na Calle Alcalá, com todo o esplendor das suas vastas salas.

Na imponente cerimónia da Capela de S. Jerónimo, junto da tribuna diplomática, estava a que fôra destinada às Damas da Rainha, entre as quais aquela Duquesa, que, imensamente rica, ostentava uma tiara formada por três coroas sobrepostas, recamadas de brilhantes.

O nosso Ministro dos Estrangeiros, Dr. Luís de Magalhães, filho do grande orador José Estevão, de Eixo (Aveiro), e parente de meu avô materno, Dr. Manuel Joaquim de Almeida, havia-me nomeado Adido de Legação em Madrid, ficando dessa forma adido também à Embaixada Extraordinária. Nessa qualidade jantei no Palácio Bailen, servido em pratos de ouro, quando os do Palácio Real eram apenas de... prata.

Terminada a cerimónia nupcial formou-se o imponente cortejo para o Palácio do Oriente, no qual tomaram parte todos os príncipes e comitivas. O Ministro em Madrid, Conde de Tovar, e eu, saímos por uma porta lateral, desejosos de nos irmos desembaraçar dos pesados uniformes.

Estava eu nesta operação quando me chegou a notícia de que tinha havido um atentado contra a Família Real. Vesti-me o mais rapidamente possível e corri para a Calle Mayor, a fim de poder, sem demora, informar o meu ministro e este o governo português.

O espectáculo era horrível. A bomba tinha morto ou ferido mais de cem soldados da guarda de honra, cujos corpos áj haviam sido retirados. No entanto havia sangue por toda a parte e das janelas do palácio da Duquesa de Tolosa, em frente do

qual caíra a bomba, pendiam ainda, inclinados sobre os para-
peitos, oito cadáveres, cujo sangue corria pela parede até à rua.
O par real, felizmente incólume, havia já passado para o coche
do estado, que seguia vazio e que o levou para o palácio.

O povo, curioso, apontava para uma pequena janela dum
terceiro andar, de onde fora atirada a bomba e dessa janela
pendia, como tive ocasião de verificar preocupadíssimo, uma
bandeira portuguesa, que o povo ignaro, felizmente, desco-
nhcia.

Corri à Legação a descrever ao ministro tudo quanto vira,
telegrafamos para Lisboa e aguardamos os acontecimentos.

Soubese depois que Morral, o criminoso, alugara ali um
quarto por não ter podido instalar-se na igreja, onde pensava
atirar a bomba. Se o tem conseguido seria ainda maior a cala-
midade e eu, que lá estava, talvez não pudesse recordá-la agora.

O regicida frustrado fugiu pelas trazeiras do prédio para
os campos, por onde durante dois dias seguidos foi perseguido
pela Guarda Civil. Conseguiu ainda matar dois soldados, sendo
por fim abatido a tiro.

A nossa bandeira fôra mero detalhe na ornamentação ge-
ral e nunca dela se falou na imprensa, suponho que até hoje.
De resto o delinquente foi logo identificado como espanhol —
graças a Deus!...

Na noite do atentado devia realizar-se no Palácio do Orien-
te um grande baile. Foi transformado em simples recepção co-
mo já tive ocasião de referir nestas mesmas colunas. Os reis
foram muito cumprimentados por terem ficado ilesos e a D.
Afonso XII, que andou de grupo em grupo contando as suas
impressões, ouvi então que julgava dever a vida à própria vio-
lência da explosão, visto que a bomba, ao rebentar no chão
junto à carruagem, projectara a metralha em forma de angulo,
deixando ilesos os que ficaram entre os seus dois braços. Só
assim se justificava o terem sido atingidas pessoas de ambos
os lados, até ao segundo andar de um prédio, e do cortejo, que
seguia ao meio da rua, só ter sido atingido um cavalo e um pé
do oficial que o montava à estribeira do carro real.

E já agora, uma nota diplomática interessante: A dois pas-
sos do local fatídico estava o Palácio da Embaixada da Itália,
para cujas janelas vieram da igreja numerosos convidados ver
passar o cortejo, entre os quais o Embaixador da Inglaterra,
Sir Maurice de Bunsen, que fôra ministro em Lisboa.

Ao dar-se a explosão, não fez outra coisa do que descer a
escada e aproximar-se da rainha, acalmando-a e falando-lhe em
inglês. Ora se é certo «não haver alegria tamanha, como ouvir
o próprio acento em terra estranha», calcula-se como, em mo-
mento tão angustioso, a Rainha Vitória não teria apreciado es-
sas palavras. Assim Sir Maurice teve a felicidade de transfor-
mar num verdadeiro milagre o que não passara de um provi-
dencial acaso e a isso ficou devendo a situação privilegiada
que disfrutou sempre nas cortes espanhola e inglesa.

E' inegável que há pessoas com muita sorte!

Um estranho exame médico na Suécia

QUANDO eu era Ministro na Dinamarca visitei algumas vezes Estocolmo, a linda capital da Suécia, onde anteriormente estivera também acreditado como 1.º Secretário de Legação. Encontrando-me ali a dois passos, tive um dia curiosidade de conhecer um pouco da Finlândia das neves eternas e das frondosas florestas, pátria de Sibelius, cuja música é muito apreciada e foi o autor dessa inspirada «Valsa Triste», dedicada à memória de seu pai e tão conhecida entre nós.

Bastava-me atravessar o Mar Báltico, que não é largo, e assim, tomei o vapor e por entre as numerosas ilhas demandei Helsinquia, que então ainda se chamava Helsingfors.

A Finlândia, havia pouco tempo libertada da influência russa, não era então ainda o que hoje é, devido ao trabalho perseverante e patriótico de seus filhos, que têm feito de Helsinquia uma bela, atraente e progressiva cidade, que se impõe pela sua já notável cultura e civilização e que ainda recentemente encantou quantos a visitaram por ocasião dos Jogos Olímpicos de 1952.

Encontrando-me ali, na margem norte do golfo da Finlândia, mesmo em frente e a poucas horas de Reval, capital da Estónia, que também havia apenas poucos meses tinha conseguido libertar-se da Rússia (que a domina de novo agora) e por conseguinte conservando ainda acentuadas características slavas, quiz ir observar um pouco esse país e receber assim uma primeira impressão do que seria a misteriosa Rússia.

A ida era fácil. Muito bem recebido pelo representante diplomático em Helsinquia, para o necessário «visto», foi com o melhor dos sorrisos que ele, ao despedir-se, me desejou que fosse bem vindo na Estónia.

Sim, a entrada foi fácil, como eu previra, mas a saída é que se complicou bastante. A cidade estava ainda em péssimo estado quanto a higiene e limpeza. Realizava-se uma conferência com enviados russos que enchiam os hotéis e estes tinham aparência pouco convidativa. Resolvi por isso dar apenas um passeio de orientação pela cidade, subir à sua maciça fortaleza, regressando logo directamente a Estocolmo.

Era naquele porto que no tempo do Império a esquadra russa realizava anualmente as suas importantes manobras.

Acabava, porém, de manifestar-se na cidade uma perigosa epidemia e quando me dirigi ao escritório da Companhia Sueca de Vapores, foi-me dito ser impossível embarcar sem um atestado passado pelo clínico sueco de Reval.

Lá fui e, depois de cuidadosamente observado, obtive o certificado indispensável. Dirigi-me para bordo e julguei terem assim terminado as tão inesperadas dificuldades e complicações.

Qual! Ao desembarcar em Estocolmo encaminharam-me logo para o posto médico do porto e, depois de tomado o pulso e observada a garganta por um clínico, pediram-me para entrar num compartimento reservado, bem aquecido, com instruções para que me despisse completamente! Parecendo-me algo estranho tal convite, mostrei o passaporte e invoquei a minha qualidade de diplomata, pedindo mais consideração pelas especiais prerrogativas que sempre nos acompanham no estrangeiro e que não são mais do que a simples reciprocidade ao nosso procedimento para com os diplomatas que nos visitam.

Nada consegui! Tratava-se de uma medida de carácter muito extraordinário, tendente a evitar o alastramento de uma grave doença infecciosa e, por conseguinte, todos os cuidados eram poucos e não se abriam excepções, nem se respeitavam privilégios.

Não havendo apêlo e como desejava regressar o mais rapidamente possível, submeti-me bastante contrariado e aborrecido.

Quando me encontrava no primitivo e deselegante traço de Adão, dei o sinal de campainha que me haviam recomendado. Abriu-se logo uma porta e quem entra?!... Uma enfermeira de uns 20 anos, uma linda rapariga loira, como por lá há aos milhares! Bastante surpreendido, mas extasiado e considerando-me um pouco compensado, esperei os acontecimentos. Ela saudou-me graciosamente e, sem vacilar, começou logo cuidadosamente a investigar se eu não teria, em qualquer parte do corpo, algum insecto, algum parasita, que tivesse apanhado em Reval ou mesmo na travessia, no vapor, o qual pudesse ser transmissor da malfadada epidemia que me tinha estragado a viagem e me colocava agora em tão bizarra situação. A enfermeira era especialista!... Considerado isento de qualquer presença pouco invejável, foi-me dada alta, podendo então vestir-me e sair da estação.

Quando mais tarde contei este estranho episódio ao Ministro Finlandês acreditado em Lisboa, este disse-me ser uma coisa perfeitamente natural também no seu país e informou-me que, se tivesse utilizado qualquer banho público na Suécia ou na Finlândia, teria tido ocasião de verificar que são mulheres que, nos gabinetes particulares, dão duches aos cavalheiros! São porém todas maiores de 40 anos!...

Um baile na Côrte de Inglaterra

AS festas reais em Inglaterra são brilhantes e, actualmente, únicas no mundo. Houve um tempo em que tinham rivales nas Côrtes Austriaca e Espanhola. Conquanto a de Viena fôsse considerada a mais exigente em pragmática e protocolo, quando no seu palácio imperial era organizada uma grande festa, decretavam o uso da etiqueta espanhola, tal a reputação que tinha a elegância palaciana da antiga Espanha. Hoje, infelizmente, a democracia estragou tudo, sob este aspecto, com grave prejuizo para todos os que contribuíam para a realização perfeita e sumptuosa de taes festins e que eram milhares de pessoas das classes trabalhadoras. Se tivessem, como pensaram, dispensado o grande aparato tradicional da coroação da jovem Rainha Isabel II haveria em Londres um levantamento de todos os interessados nestas raras e dispendiosas celebrações. Elas têm o condão de atrair e fazer circular abundantemente o dinheiro de todas as proveniências e para os mais variados e caros fins. Mas todos os que têm que gastá-lo se submetem prazenteiros por isso acontecer uma vez nas suas vidas e porque *noblesse oblige*.

As grandes festas da Côrte Britânica realizam-se em Buckingham Palace, o maior, mais belo e rico da nação, precedido de enorme esplanada gradeada e rodeado dum parque em que se efectua anualmente na *season* elegante, um *garden-party* para milhares de convidados. Chega a parecer impossível que tão gigantesca mansão tivesse pertencido a um só homem — o



Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida, ainda adido de legação, em traje de côrte

Duque de Buckingham, que, como Embaixador, surpreendeu a corte de Luis XIV em Versailles com a sua opulenta elegância.

O pequeno e vetusto palácio de Saint James, que foi residência de Henrique VIII de triste memória, ainda hoje se mantém por representar a tradição da corte que usa o seu nome, sendo só empregado para as *levées*, recepções dadas pelo soberano só para apresentação oficial de diplomatas, altos funcionários e outras personagens de distinção que cheguem a Londres. É do seu terraço que os arautos e homens de armas fazem ao povo comunicações oficiais, tais como os nascimentos, casamentos, falecimentos e coroações de membros da Família Real.

Em Buckingham Palace há geralmente quatro recepções de gala durante o ano, chamadas *Courts*, para apresentação à Família Real das damas de distinção que o solicitarem e das meninas, que assim fazem o seu debute na sociedade. Os homens que as acompanham estão sempre já representados ao soberano.

A *toilette* de grande rigor, obedece a regras em côr clara, comprimento da cauda, decote, plumas na cabeça e até quanto ao ramo de flores que devem levar na mão, sendo tudo isto controlado à entrada no palácio por um camarista especializado. Depois da festa todos se fazem fotografar, estando para isso os fotógrafos da cidade nos seus *ateliers* toda a noite. Os cavalheiros, quer de uniforme quer de casaca, têm que apresentar-se de calção branco, meia de seda e sapatos de verniz com fiavela dourada.

As damas a apresentar anualmente, em geral duas mil entre nacionais e estrangeiras, são divididas em quinhentas para cada recepção. Por motivo desta abundância a cerimónia é sumária: os homens ficam todos de pé no centro do salão de festas, a Família Real senta-se em cadeirões dourados sobre um estrado e por detrás, de pé, apenas os Embaixadores e todos os dignatários da corte.

Começa então o desfile interessantíssimo. Cada uma das damas entrega, ao chegar junto do estrado, o cartão de convite ao Lord Camarista que, lendo o nome, diz: «É apresentada a Senhora ou Menina tal». Esta faz, ao passar, profunda reverência deante da Rainha e vai colocar-se nas cadeiras que, em anfiteatro, ladeiam o salão.

Depois de terminadas as apresentações, dirigem-se todos os convidados para as salas em que está servida a ceia, precedidos da Família Real e seu séquito, que vão para sala especial. Terminada a ceia começa a retirada.

Nos bailes não há desfile. As damas à medida que chegam vão-se sentando, como nas *Courts*, nas cadeiras dos estrados laterais, os cavalheiros ficam no centro de pé admirando as senhoras que estão assim expostas como em vitrines e entre as quais aparecem sempre algumas de rara beleza e frescura, realçadas por jóias de alto valor. Quando chega, a Família Real toma logo lugar nos seus cadeirões do topo do salão e, momentos depois, começa a quadrilha de honra para a qual os pares foram previamente designados dentre os Embaixadores e altos dignitários.

Enquanto viveu, o Marquês de Soveral, grande amigo da corte inglesa, teve sempre especial privilégio. Quando eu servia com ele, na antiga legação, via chegar de tarde uma ordenança a cavalo com uma carta do palácio em que se lia que a

tal hora o sr. Marquês de Soveral terá a honra de dançar com S. M. a Rainha ou com S. A a Princesa tal, o que não aconteceu a nenhum dos seus sucessores.

No momento próprio o nosso Marquês, com o seu belo uniforme resplandecente de condecorações, e a banda de S. Miguel e S. Jorge, fazia a sua aparição solene no salão, dirigindo-se à Dama indicada, que conduzia pelo braço para o centro da sala, ante os olhares de centenas de pessoas curiosas de ver aquele que, na Conferência da Paz da Haia, em que tomou importante parte, foi cognominado o Grande Embaixador duma pequena potência, o amigo íntimo de Eduardo VII, facto que o Duque de Windsor confirma nas suas memórias, e que a Pátria, ingrata, esqueceu num jazigo emprestado do Cemitério de Père la Chaise em Paris.

A presente passagem do seu centenário devia ser justamente assinalada com a sua trasladação para os Jerónimos e, pelo menos, com um busto de bronze no Ministério dos Negócios Estrangeiros que ele tanto honrou.





Num «weekend party» na casa de campo do Duque de Rechemond and Gordon, vê-se o Marquês de Soveral, de pé, por detrás do Rei Eduardo VII, tendo à sua direita o dono da casa, que por sua vez dá a direita ao então Príncipe de Gales, mais tarde Jorge V.



Na Chancelaria da Legação de Londres, o Conselheiro da Legação sr. Câmara Manuel e o, ao tempo 2.º secretário, Dr. Ferreira d'Almeida

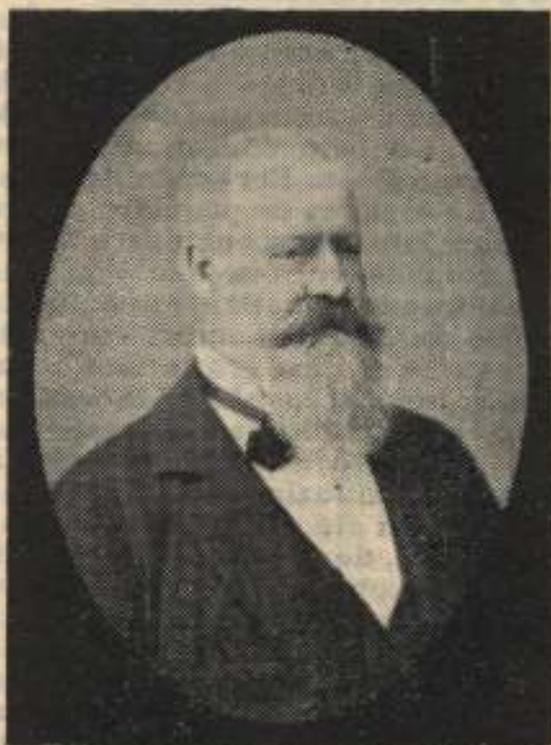
Meu avô Dr. Manuel Joaquim d'Almeida

RECORDAREI apenas este que conheci, porque os avós paternos, de Tras-os-Montes, já tinham falecido quando meu pai se casou em Faro. E venho recordá-lo porque foi um personagem marcante na sociedade farense.

Manoel Joaquim d'Almeida, natural de Eixo (Aveiro), onde ainda existe a casa que pertenceu à família, não longe da dos nossos parentes da mesma vila Jaime e Sebastião de Magalhães Lima, descendentes do famoso tribuno José Estevão Coelho de Magalhães, que tem estátua no Palácio da Assembleia Nacional, formou-se em direito em Coimbra na primeira metade do século XIX. Tenho livros seus, que herdei, com o único descendente jurista, e entre eles os 3 tomos com centenas de páginas, em que fez encadernar a «Exposição das Instituições de Direito Civil Português do Dr. Pascoal José de Mello Freire, segundo as preleções do Dr. Pedro Paulo de Figueiredo da Cunha e Mello», por ele redigida e inteiramente escrita pelo seu punho durante os anos de 1838 e 1840.

Veio como advogado para Faro, onde casou com D. Maria Clementina Ortigão Ferreira, pertencente por sua mãe à família Macedo Ortigão e de quem teve quatro filhos: José Bento que foi oficial de Marinha e ministro, de quem já tratei; Manoel, Rosa e Maria Teresa minha mãe.

Pelo seu porte, cultura e faculdades de trabalho conquistou situação de relevo. Foi um dos reorganizadores da Companhia de Pescarias do Algarve e fundador ou pelo menos grande accionista da Balsense de Tavira. Para o desenvolvimento da primeira conseguiu a colaboração do seu amigo de Lisboa, José



Ribeiro da Cunha, construtor e proprietário do palacete arabe da Praça do Príncipe Real, motivo porque o seu único neto do mesmo nome, hoje membro do Conselho Fiscal daquela Companhia, é ainda possuidor de valiosas acções. As de meu avô tiveram de ser divididas e subdivididas.

Morava meu avô em prédio seu, constituído por todo o quarteirão da Praça de Ferreira d'Almeida, o qual tinha em frente a Cadeia Comarcã que ainda conheci, indo dar esmola aos presos que deitavam uma alcofinha, suspensa por um fio, desde o alto primeiro andar, e assim recebiam dinheiro e tabaco.

Por ter nascido naquele prédio José Bento Ferreira d'Almeida, a quem os amigos erigiram o belo obelisco da Avenida da República, devia já haver ali uma lápide comemorativa, tendo sido boa oportunidade a do centenário de seu nascimento, ou do cincoentenário da sua morte em Livorno.

O mesmo devia fazer-se na casa em que nasceu o Conselheiro Bivar, notável figura política do seu tempo, que foi presidente das Côrtes e tem em Lisboa uma avenida com o seu nome; na casa em que nasceu o Benemérito Coronel Abalim Ascensão, também com monumento em Lisboa, na casa em que morreu o Poeta Bernardo de Passos, etc..

As sacadas do primeiro andar do nosso prédio iluminavam-se com lanternas, em noites festivas, e delas pendiam numerosas colchas verdes, azues e granada, de damasco ou de setim bordado a matiz, em tardes de procissões que desciam pela rua da Cadeia. Lembro-me nitidamente, apesar de passados 70 anos, que uma era a de Corpus Cristi em que tomava parte um S. Jorge a cavalo e lança na mão; outras compunham-se de numerosos andores com artisticas imagens.

Meu avô assistia sempre na Sé às cerimónias da Semana Santa, e conduzia nas Procissões uma das varas do púlpito. Levava-me com ele. Também o acompanhei em criança às novenas do Carmo, de cuja confraria era irmão e onde recebi os bentinhos. Recordo que depois da festa religiosa havia sempre reunião numa sala onde era servida uma sangria (agua, vinho tinto, açúcar e rodela de limão) de que me davam um copinho.

Tinha meu avô o seu escritório de advogado na esquina do rés-do-chão, com porta para a Rua Ivens; compunham-no duas salas: na primeira, com balcão, estavam instalados o Secretario e seu braço direito, grande amigo, Manoel Penteado, e o filho Manoel, o qual, por esse tempo, se dedicava mais aos amores e aos Bombeiros Municipais de que foi valoroso comandante. Na segunda sala trabalhava o avô, tendo a seu lado enorme cofre de ferro por onde passaram muitos milhares de libras ouro, que era então valiosa moeda corrente. Além de advogado era o Agente, e tinha em casa a Agencia, do Banco de Portugal no Algarve, que, por sua morte ficou para o filho Manoel, passando então a ter instalação própria.

Como o prédio dispunha de enormes armazens, onde estão hoje instaladas dependências da Farmácia Alexandre, era também ali o depósito da Companhia dos Tabacos de Portugal, de que era Representante no Algarve. Os agentes da provincia vinham ali buscar o tabaco. O dinheiro da Companhia e das operações do Banco, lembro-me que ia ele próprio recolhê-lo mensalmente, dirigindo-se numa victória a várias localidades da provincia, voltando à noite cercado de sacos de ouro, e sempre

só com o coqueiro de confiança. Levava consigo apenas um pequeno revolver de calibre 6, de que nunca teve de servir-se. Se houvesse então ladrões no Algarve tinham ali fácil e abundante presa, mas a sua figura corpulenta e sólida impunha respeito. Esse revolver, que ainda conservo, por ser tão pequeno passou depois para minha mãe, que um dia teve de servir-se dele para afugentar um gatuno nocturno...

Manuel Joaquim d'Almeida exerceu o cargo de Governador Civil do Algarve com o partido Progressista a que pertencia. Foi também várias vezes eleito deputado, honra que depois declinou a favor do filho José Bento que, como oficial de Marinha, vivia na capital, e naquelas circunstancias deslocava-se a família anualmente a Lisboa instalando-se no Hotel Borges, que ainda hoje existe no Chiado. Uma dessas vezes, por ir também minha mãe, levaram-me, pelo que experimentei o encanto das viagens de então. Devia ser aí por 1888; era preciso ir de carruagem até Vila Real de Santo António, passava-se ali a noite numa estalagem pouco confortável para embarcar no dia seguinte num velho vapor de rodas pertencente ao sr. Alonso Gomes, o qual subia o Guadiana até Mértola, onde se repousava em nova estalagem pouco convidativa. A acidentada viagem continuava de carruagem por dez léguas de subidas, em desertica estrada primitiva para Beja, com descanso na chamada Casa da Muda, por aí se mudar de parelha ao carro. Vi então pela primeira vez cavalos comerem pão molhado em vinho, que lhes davam por os ver tão cansados. A frequência do local era bizarra e pouco animadora. Viam-se vultos de estranho aspecto, envoltos em mantas, deitados até pelo chão. Noite escura, fumarada das candeias de azeite, não ousávamos dormir. O avô não largava da mão a carteira de couro suspensa por uma correia a tiracolo. Por fim partíamos de novo, indo tomar o comboio em Beja para o Barreiro e Lisboa como ainda hoje. Era preciso ter grande necessidade de ir à capital para suportar tão grande incómodo e risco, o qual tinha ainda de se repetir no regresso a Faro.

Foi meu avô quem dirigiu a minha educação de maneiras. Sobretudo à mesa nada perdoava: o modo de mastigar sem abrir a boca, nem fazer ruído; não sorver a sôpa; usar correctamente do talher, sem levar a faca à boca; do pão; do guardanapo, etc.. Ao menor trejeito deselegante dizia à criada: — Traga lá um espelho e ponha ali deante do menino!

Fui depois para os Açores (Ponta Delgada), onde meu Pai serviu como Governador Civil, num Governo de José Luciano de Castro. A volta foi ainda meu avô quem me escolheu professor e fez preparar para o exame de instrução primária, em que fiquei distinto, pois viera de Ponta Delgada até já falando francês, graças às lições da famosa poetisa daquela cidade Alice Moderno, já falecida.

Pouco depois, aquele grande homem baqueava aos setenta e dois anos vitimado por uma febre cerebral, que o Dr. Virgílio Inglês e seus colegas não conseguiram debelar durante uma semana. Minha mãe e eu passámos a noite a seu lado na sala do Oratório, para onde o levaram depois de vestido de casaca, estendendo-se sobre um colchão. Logo que amanheceu estou a ver minha mãe, que o adorava, e a quem ele chamava, em cartas que conservo, a sua querida Mariquinhas, aparando-lhe, por entre lágrimas, a barba alvissima que crescera durante a doen-